



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Leandro Silva de Melo

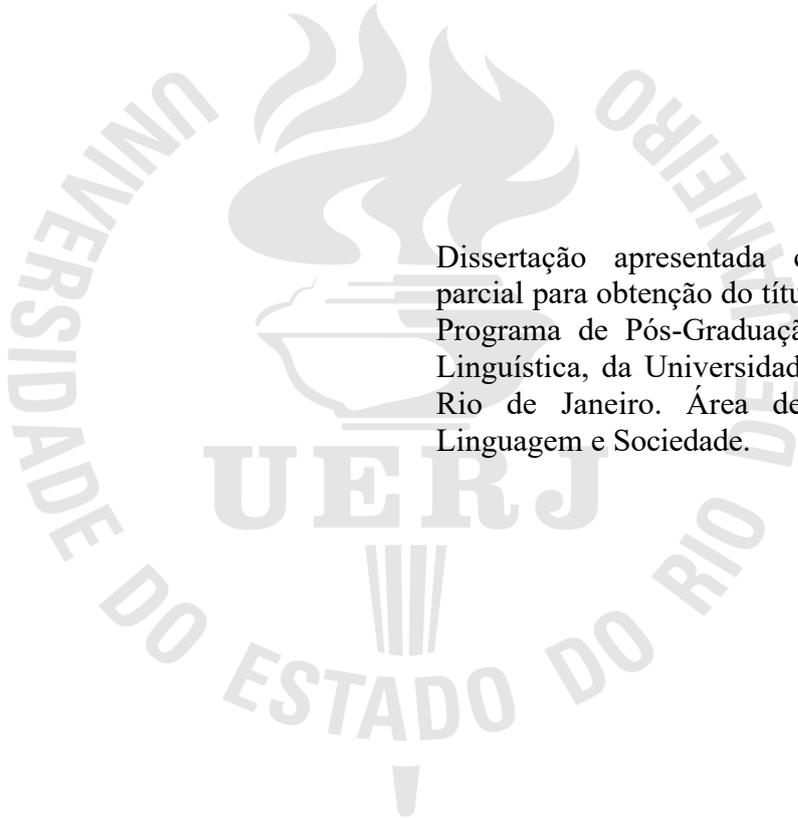
“Fala direito, menino!”: um panorama das pesquisas sobre identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico

São Gonçalo

2024

Leandro Silva de Melo

**“Fala direito, menino!”: um panorama das pesquisas sobre identidade linguística,
identidade favelada e pertencimento linguístico**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M528 TESE	<p>Melo, Leandro Silva de. “Fala direito, menino!”: um panorama das pesquisas sobre identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico / Leandro Silva de Melo. – 2024. 93f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Linguagem e cultura – Teses. 2. Linguística – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. I. Alves, Jefferson Evaristo do Nascimento Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6150	CDU 800.86

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leandro Silva de Melo

**“Fala direito, menino!”: um panorama das pesquisas sobre identidade linguística,
identidade favelada e pertencimento linguístico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Aprovada em 26 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Márcia da Gama Silva Felipe
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Roberto de Andrade Lota
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me sustentou e me deu forças nos momentos mais desafiadores. À minha família, meu alicerce mais firme, que sempre esteve comigo, mesmo quando a distância física nos separava.

Aos meus amigos, por cada palavra de encorajamento, por me ouvirem mesmo quando o cansaço parecia maior do que a vontade de continuar.

Minha imensa gratidão ao meu orientador, que sempre me acolheu com paciência, até mesmo nos dias em que eu invadia seus momentos de descanso, como empasseios familiares. Sua dedicação e apoio incondicional foram essenciais para que essa pesquisa pudesse ser concretizada. Sem ele, este trabalho certamente não seria o que é.

E, por fim, meu agradecimento à Capes, que, com o financiamento da bolsa, possibilitou que eu dedicasse meu tempo e energia a essa pesquisa durante boa parte do curso.

Cada um de vocês, de alguma forma, fez parte dessa conquista. E por isso, dedico esse trabalho a todos que caminharam ao meu lado nessa jornada.

RESUMO

MELO, Leandro Silva de. “*Fala direito, menino!*”: um panorama das pesquisas sobre identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico. 2024. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Durante nossa trajetória acadêmica e imersão em territórios vulneráveis, como favelas e comunidades na cidade do Rio de Janeiro, identificamos uma variante da língua portuguesa que, inicialmente, constatamos empiricamente como inerente a esses territórios. À medida que avançamos em nossas leituras e pesquisas, observamos que, apesar da ampla discussão sobre variação linguística no meio acadêmico, as marcas de identidade linguística presentes nessas favelas e comunidades ainda careciam de atenção adequada por parte da academia. Como objetivo geral desta pesquisa, almejamos observar e analisar, por meio de uma investigação bibliográfica e documental, o estado atual das pesquisas sobre identidade e representação linguística nas comunidades de favela do Rio de Janeiro. Nosso intuito é mapear e compreender as diversas abordagens e perspectivas que têm sido adotadas nos últimos anos, contribuindo assim para um entendimento mais profundo desse campo de estudo. Pretendemos identificar tendências, lacunas e avanços nas pesquisas, bem como destacar os principais teóricos e metodologias que têm moldado esse debate. Ao realizar essa análise, esperamos fornecer uma base sólida que possa orientar e inspirar futuras investigações, promovendo uma valorização ainda maior das vozes e experiências linguísticas das comunidades de favela. Nosso corpus de análise será constituído a partir de um levantamento de pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando as palavras-chave que orientam esta investigação. Ao final da pesquisa, nossos resultados apontam para um cenário em que as formas de falar próprias de comunidades periféricas não são objeto de pesquisa na academia, criando um cenário em que linguagem, identidade e pertencimento não se entrecruzam, silenciando esses grupos sociais.

Palavras-chave: identidade linguística; identidade favelada; pertencimento linguístico; estado da arte.

ABSTRACT

MELO, Leandro Silva de. *“Speak properly, boy!”: an overview of research on linguistic identity, favela identity and linguistic belonging*. 2024. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

During our academic trajectory and immersion in vulnerable territories, such as favelas and communities in the city of Rio de Janeiro, we identified a variant of the Portuguese language that, initially, we empirically verified as inherent to these territories. As we advanced in our readings and research, we observed that, despite the broad discussion on linguistic variation in the academic environment, the marks of linguistic identity present in these favelas and communities still lacked adequate attention from academia. As the general objective of this research, we aim to observe and analyze, through a bibliographic and documentary investigation, the current state of research on identity and linguistic representation in the favela communities of Rio de Janeiro. Our aim is to map and understand the various approaches and perspectives that have been adopted in recent years, thus contributing to a deeper understanding of this field of study. We intend to identify trends, gaps and advances in research, as well as highlight the main theorists and methodologies that have shaped this debate. By carrying out this analysis, we hope to provide a solid foundation that can guide and inspire future research, promoting an even greater appreciation of the voices and linguistic experiences of favela communities. Our corpus of analysis will be constituted from a survey of research in the CAPES Catalog of Theses and Dissertations, using the keywords that guide this investigation. At the end of the research, our results point to a scenario in which the ways of speaking specific to peripheral communities are not the object of research in academia, creating a scenario in which language, identity and belonging do not intersect, silencing these social groups.

Keywords: linguistic identity; favela identity; linguistic belonging; state of the art.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	7
1	METODOLOGIA	19
1.1	Definição da pesquisa	19
1.2	Problematização e questões do estudo	28
1.3	Objetivos da pesquisa	29
1.4	Corpus de análise	29
2	LÍNGUA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	33
3	O ESTADO DA ARTE E A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	41
4	SELEÇÃO DOS DADOS A SEREM ANALISADOS	52
4.1	Identidade linguística	53
4.2	Identidade favelada	74
4.3	Pertencimento linguístico	76
4.4	Identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico: uma análise integrativa	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICE A – Pesquisa sobre identidade linguística	85
	APÊNDICE B – Pesquisa “identidade favelada”	93

INTRODUÇÃO

Recordo-me bem quando fui confrontado pela primeira vez sobre a minha forma de falar. Era criança e acabava de chegar no Rio de Janeiro, com sete anos de idade. Nasci no Estado do Rio de Janeiro, na cidade de São João de Meriti (Baixada Fluminense), mas com um ano, por conta do trabalho do meu pai, fui morar em Marabá, uma cidade localizada no sudeste do estado do Pará, Região Norte do Brasil. Eu lembro claramente da chegada da minha família ao Rio, meus pais e dois irmãos, quando fomos recepcionados pelos familiares e amigos dos meus pais. Nada foi tão marcante na recepção e nos dias que se sucederam do que a forma como as pessoas comentavam sobre a minha maneira de falar e a dos meus irmãos. Por conta da idade – ainda era criança – não lembro de todas as expressões utilizadas por essas pessoas, mas ouvia frases como:

“Fala direito, menino”;

“Você tá falando igual a Paraíba”;

“Você fala esquisito”;

“Você fala engraçado”.

Ouvi essas e outras expressões parecidas por meses, proferidas por familiares e, sobretudo, na escola, onde fui alvo de zombaria por diversas vezes. No entanto, exposto à forma de falar do carioca, fui absorvendo indiretamente o sotaque, as gírias e as expressões idiomáticas da cidade. Hoje, quando visito outro estado do país, é fácil identificar que sou oriundo do estado do Rio, em função da minha identificação com os elementos culturais e linguísticos dessa região. Digo isso pois percebo, ainda que empiricamente, que algumas crianças têm tido uma identificação através das redes sociais com a forma de falar dos influenciadores digitais¹. Tenho como exemplo meu sobrinho de nove anos, que desde os primeiros anos de idade, consome muito conteúdo de influenciadores do estado de São Paulo. Percebo que sua variação linguística no uso da língua assemelha-se à do morador paulista. Labov (1972) preconiza que a variação linguística é o estudo das maneiras pelas quais o uso

¹ Já houve, inclusive, repercussão sobre o assunto em jornais tradicionais: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/11/4962302-jornal-portugues-denuncia-que-criancas-do-pais-so-falam-brasileiro.html#:~:text=Na%20teoria%20sim%2C%20mas%20na,adotando%20termos%20do%20%E2%80%9Cbrasileiro%E2%80%9D.> – Acesso em: abril de 2024.

linguístico difere, socialmente, em diferentes contextos de uso. Sendo assim, embora meu sobrinho seja residente do estado do Rio de Janeiro, ele, através da internet, está imerso em um contexto cultural diferente e acaba por absorver e refletir esses elementos linguísticos que permeiam outro lugar.

Certamente, a análise da influência da internet e das mídias sociais na variação linguística e cultural poderia representar um campo de investigação relevante; no entanto, iria demandar um estudo exaustivo mudando assim os objetivos deste trabalho. Dessa forma, não exploraremos esse tópico, mas indicaremos para possíveis áreas de pesquisa futura.

Quando era criança, não fazia ideia de que a língua variava dentro de um mesmo idioma, não sabia que a língua era viva e adaptação através do uso ativo por parte de uma comunidade de fala como afirma Labov (1972). Assim como um ser vivo se adapta aos mais diferentes ambientes que possa se encontrar, as línguas mudam com o tempo em resposta às necessidades. Não fazia ideia dos desdobramentos e fenômenos da linguagem. Isso foi sendo adquirido ao longo dos anos e com a oportunidade de níveis mais elevados de escolarização, especialmente a graduação em Letras e o curso de mestrado em Letras e Linguística.

A partir de 2013, durante minha primeira graduação (Pedagogia), estabeleci uma profunda conexão com algumas comunidades e favelas do Rio de Janeiro, mesmo tendo sempre sido residente de áreas periféricas da cidade. Nesse período, também, tive a oportunidade de realizar diversos trabalhos e interações em contextos de vulnerabilidade social. Mais adiante, descreverei com detalhes essas experiências, nas quais desenvolvi uma sensibilidade particular para a linguagem falada nas favelas. Segundo Bagno (2002), a língua é "um conjunto de recursos fonomorfo sintáticos e lexicais que, acionados pela semântica e pela pragmática, utilizamos para nossa interação sociocomunicativa com os outros seres humanos e com o mundo". Ainda em Bagno (2013), a diversidade linguística é o espelho multifacetado da riqueza cultural de uma sociedade, refletindo suas múltiplas histórias, identidades e formas de expressão. Dessa forma, as favelas possuem uma riqueza linguística que reverbera os preceitos preconizados em Bagno (2013; 2002). Cada palavra carregava consigo uma história, uma vivência, uma perspectiva de mundo. As pessoas, muitas vezes sem perceber, criam e adaptam a linguagem para refletir suas realidades e experiências.

Uma dessas interações foi uma experiência enquanto estagiário em uma ONG dentro da comunidade do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Nessa experiência, muitos contextos comunicativos foram observados, como a presença de gírias, expressões idiomáticas e neologismos. Essas observações anteriormente destacadas só foram possíveis após alguns dias de observação desses contextos comunicativos. A princípio, havia um fascínio por parte deste

estagiário, por não compreender algumas das expressões faladas por expressiva quantidade de pessoas, sobretudo jovens, com quem tive a oportunidade de me relacionar durante o período de formação na ONG.

À época do estágio, uma reflexão foi bem marcante: como um morador da zona norte do Rio de Janeiro não conhece boa parte das expressões faladas pelos moradores do Jacarezinho, um local de sua própria cidade e a poucos minutos de sua casa? Como uma realidade no mesmo espaço e tempo pode ser tão próxima e distante?

Essa inicial dificuldade de compreensão de algumas palavras e expressões foi quebrada à medida que os laços de amizade se estreitaram com jovens da favela e, também, na curiosidade em saber o significado de tantas expressões até então desconhecidas. Aos poucos, pude também entender com mais facilidade, por exemplo, as letras do funk carioca. Esse estilo musical retrata de forma mais profunda a realidade dos moradores de favela e está presente não somente nelas, mas em outros territórios da cidade.

Atualmente, estou envolvido em um projeto que visa a formação de jovens líderes em situações de extrema vulnerabilidade social em várias áreas da cidade do Rio de Janeiro. Esse trabalho proporciona uma oportunidade significativa para analisar as variantes linguísticas presentes nesses territórios. Através de encontros regulares com os jovens participantes, é perceptível, com base em seus relatos, que eles frequentemente enfrentam algum tipo de preconceito em relação ao modo como se expressam verbalmente. Em geral, as queixas concentram-se nas interações com funcionários de organizações governamentais, como as unidades de pronto atendimento (UPA), por exemplo. Mesmo quando esses jovens se comunicam de maneira clara, eles são nitidamente alvo de preconceito linguístico (BAGNO, 1999) por divergirem dos padrões considerados "cultos" ou "adequados" pela norma padrão da língua. Essa situação evidencia a forma sutil pela qual a discriminação linguística se manifesta.

Nos relatos mencionados abaixo, esses jovens evidenciam algo parecido com o que sofri na infância:

“Fala direito!”;

“Você não pode falar assim!”;

“Eu não entendo o que você fala”

“Que palavra doida é essa?”

Essas interações me impulsionaram a pesquisar as variantes linguísticas dentro de contextos marginalizados. Acredito que minha inquietação tenha sido motivada pelo que passei

em minha infância, como mencionado logo nas primeiras linhas dessa introdução, pela oportunidade de alcançar elevados níveis de escolarização, como a graduação em Pedagogia, em Letras, e o mestrado em linguística. Dessa vez, eu que estou imerso nesse contexto há alguns anos, vejo na observação nos relatos dos moradores o que elas sofrem quando se expressam de sua maneira em outras regiões da cidade: em alguns casos, há um certo desdém, preconceito e outros elementos que descredibilizam a forma de falar das pessoas oriundas de favelas e periferias.

Basta uma pequena busca por “favela do Jacarezinho” no Google que diversas notícias envolvendo episódios de violência serão exibidas. A mídia e parte da sociedade – o que podemos constatar empiricamente – só veem a favela como um território marcado pela violência. Essa visão unidimensional da favela como um espaço permeado pela violência não reflete a complexidade e diversidade desses territórios. A narrativa predominante obscurece as inúmeras histórias de expressão cultural que florescem nesses territórios. As políticas de segurança, adotando o discurso de sufocar o narcotráfico, acabam sufocando os próprios moradores. É alarmante ver escolas e outros serviços públicos essenciais fechados em função das operações policiais, é alarmante ver crianças sendo feridas ou mortas em decorrência de ações policiais; isso é um sinal de que precisamos parar e refletir. Encerramos aqui as considerações sobre as diversas facetas que emergem ao abordarmos qualquer trabalho que verse sobre favelas. Abrimos essa discussão porque é fundamental reconhecer que é impossível abordar o tema sem mencionar, mesmo que brevemente, suas interseções. No entanto, este trabalho não tem como objetivo aprofundar-se na discussão da segurança pública, mas registra a importância de considerar essas nuances.

Ainda no plano linguístico, essa situação revela a persistência de estereótipos linguísticos que acabam por gerar discriminação e preconceito. É preocupante perceber que essa diversidade muitas vezes é mal compreendida ou mal vista, especialmente em ambientes institucionais.

É importante observar que esse fenômeno de discriminação linguística não é recente, mas possui raízes que remontam a períodos anteriores. Conforme apontado por Faraco (2008, p. 107-108), a conformação dos padrões linguísticos na segunda metade do século XIX refletia uma preferência pelo modelo europeu, negligenciando a norma culta brasileira da época em favor de uma norma mais alinhada ao português europeu, especialmente influenciada por certos escritores do romantismo. Esta padronização, sob controle de uma elite letrada e conservadora, acabou por ignorar a diversidade étnica e racial do Brasil.

Por não levar em consideração os aspectos culturais do Brasil da época, essa normatização gerou uma segregação linguística que observamos exponencialmente em territórios marginalizadas, sobretudo nas periferias do país. Câmara Jr. (1975, p. 10), nos explica o que gerou essa segregação.

Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem quanto suas outras formas de comportamento. Desse modo, essa linguagem vem a ser uma marca desse status social. As classes superiores dão-se conta desse fato e tentam preservar os traços linguísticos pelos quais se opõem às classes inferiores. Tais traços são considerados corretos e passa a haver um esforço persistente para transmiti-los de geração em geração. Esta atitude cresce em intensidade à medida que o impacto das classes inferiores se torna cada vez maior.

Para Faraco (2008), a forma que aprendemos na escola, a maneira correta de falar e escrever, é designada como “norma curta” e não “norma culta”, como comumente é entendida. Na norma curta/norma padrão, o que importa é o clássico; outras formas de uso da língua que não sejam o clássico são condenadas. É

um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontra respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/standard” (FARACO, 2008, p. 92).

Já a norma culta é designada por Faraco (2008, p. 73) como a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações. Sendo assim, é o ajuste que o falante de uma língua faz do seu texto (oral ou escrito) às exigências da situação social em que se encontra. A cada situação, há uma variação de nossa linguagem e em todas elas há uma norma/normalidade. Segundo Amorim e Santi:

existe uma forte influência das variedades linguísticas hegemônicas na mídia, que são de uso comum pela parte da população que vive no meio urbano, de classe social média-alta, que, por isso, pode garantir para si bons níveis de escolaridade, tendo, no mínimo, ensino médio completo, e acesso à cultura escrita (AMORIM; SANTI, 2019, p.115).

Sendo assim, a normatização linguística no Brasil insere-se em uma lógica histórica de exclusão social e racial. A norma-padrão não reflete a realidade linguística da população brasileira. A norma pregada nas gramáticas tradicionais, cria um abismo artificial entre a língua vivenciada no cotidiano e a linguagem idealizada pelos detentores do poder cultural e político.

A imposição de padrões normativos linguísticos e culturais opera como um mecanismo para sustentar hierarquias estruturais. Esse pacto invisível naturaliza as desigualdades ao

associar competência linguística e valor social às elites brancas, relegando os usos linguísticos de populações marginalizadas a um lugar de desvalorização. No Brasil, essa dinâmica é particularmente evidente no tratamento dado às variedades linguísticas das periferias urbanas e comunidades negras, frequentemente estigmatizadas como "erradas" ou "incultas".

Assim, a normatização da língua no Brasil atua como uma ferramenta de exclusão, não apenas linguística, mas também social e racial. Ao reafirmar uma norma culta inacessível para a maioria da população, perpetua-se um ciclo de discriminação que limita o acesso a oportunidades educacionais, profissionais e culturais.

A norma curta, portanto, exige elevado nível de escolarização e, por vezes, os moradores de favelas não permanecem no sistema escolar ou são prejudicados, em função das severas condições de vida que permeiam as comunidades, como a violência, que inclusive chega a atrasar o ano letivo: são dias ou semanas sem aula, em função de tiroteios, operações policiais ou toques de recolher, dentre outras intercorrências que atravessam a vida dos moradores de comunidades. Se fizermos uma pequena pesquisa sobre esse tema em um buscador na internet, vamos nos deparar com inúmeras reportagens que corroboram com o que dissemos nas linhas acima. Muitas escolas ficam sem aula todos os dias na cidade do Rio de Janeiro; dezenas de estudantes ficam sem aulas, sobretudo as que se localizam em áreas periféricas, favelas e comunidades.

Segundo a *Veja Rio*.

No ano de 2023, o número de escolas municipais da capital fechadas por conta de ocorrências envolvendo segurança pública, superou o de 2022. Em 2023 foram registrados, só no primeiro semestre, mais fechamentos de escolas municipais por causa de confrontos armados no Rio do que em todo o ano anterior: foram 2.129 até o primeiro semestre, enquanto 2022 teve 1.078 casos – um aumento de 97,5%. Com isso, o número de alunos que tiveram suas rotinas escolares afetadas pela violência já chegou a 163.386 contra 160 mil estudantes prejudicados no ano passado. E o número de unidades escolares afetadas também aumentou. Ao longo de todo 2022, houve 405 unidades com ao menos um dia letivo interrompido devido aos confrontos (Fonte: *Veja Rio*, 1o de Agosto de 2023)

Ou, ainda, na *Band News*:

Nas escolas da rede estadual que ficam na capital, essa realidade também não foi diferente. Segundo levantamento feito pela *BandNews FM*, os casos em que a violência afetou as escolas da rede, aumentaram em 2023 em relação ao ano de 2022. No ano passado, foram registrados 158 casos, enquanto que em 2022, 82 ocasiões envolvendo segurança afetaram as escolas. Ao todo, 55.464 estudantes da rede estadual de ensino ficaram sem aulas pelo menos um dia devido aos tiroteios, o equivalente a 8% de todos os alunos matriculados. Os dados foram obtidos pela Rádio *BandNews FM* por meio da Lei de Acesso à Informação e mostram que, em média,

cerca de três colégios por semana interromperam o funcionamento por questões de segurança em 2023. (Fonte: Band News FM, 18 de Janeiro de 2024).

A violência presente nas favelas reverbera nas escolas, com episódios de tiroteios que colocam em risco a segurança e a vida dos alunos, professores e funcionários. Isso é o que diz o Anuário de Segurança Pública de 2023², do estado do Rio de Janeiro. De acordo com as informações extraídas da Prova Brasil, do Mec e do INEP, as escolas cariocas enfrentam um risco significativamente maior de exposição ao fogo cruzado entre a polícia e criminosos em comparação com as escolas de outros estados brasileiros.

Ainda de acordo com o Anuário de Segurança Pública, o Rio de Janeiro registra uma proporção assustadora de episódios de tiroteios ou balas perdidas em suas escolas, representando uma ameaça séria à segurança dos estudantes e profissionais da educação. Enquanto a média nacional aponta que 1,7% das escolas brasileiras relataram ocorrências desse tipo, no Rio de Janeiro, esse número dispara para 13,5%. Além disso, a interrupção do calendário letivo em decorrência de episódios de violência também é uma realidade preocupante. No ano de 2021, 6,2% das escolas do Rio de Janeiro tiveram seu calendário interrompido por vários dias, enquanto a média nacional foi de 0,9%.

Além disso, como nos contam Fortunato *et al* (2020, p. 4-5)

A escola apresenta fragilidades que afastam esses alunos, seja por desmotivação ou falta de identificação com a matriz curricular e os conteúdos oferecidos, que ainda são distantes de suas realidades. A escola condiciona os alunos a vivenciar outras culturas, distantes daquelas em que estão inseridos. Os livros didáticos não representam os anseios do alunado, a criança e o adolescente não se percebem pertencentes a essa escola tradicional.

A língua é outro aspecto importante na construção da identidade; ela representa a cultura de uma sociedade e as práticas e atitudes que lhe dão consistência. Diferentes dialetos dentro de uma língua não só representam grupos sociais diversos como refletem as relações entre eles; assim acontece com a linguagem adaptada nas comunidades. Entretanto, até nesse aspecto a escola se distancia da realidade das favelas.

O que pode ser visto como estigma, inculto, iletrado e outros tantos adjetivos pejorativos para desqualificar a variação linguística presente nas favelas e periferias, para seus sujeitos, é a forma de falar que os representa. Essa visão depreciativa por parte da sociedade não é de hoje, mas se assenta em séculos de construção social em desigualdade sociopolítica e econômica, como visto em Faraco (2008).

² FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

Em outra ocasião, Faraco (2016) salienta que no século XVI, Portugal, com sua expansão marítima, utilizou-se de trabalho escravo de indígenas que estavam no Brasil e de pessoas trazidas de países africanos para servirem de mão de obra escravizada. Isso fez do Brasil uma grande “colônia de exploração e povoamento” (FARACO, 2016, p. 59). Além desses fatores, segundo Sena (2018, p. 27)

A partir do século XIX, muitos estrangeiros começaram a migrar para o Brasil, em especial para as regiões Sul e Sudeste. Esse processo de movimentação e de contato forçado, ou não, entre essas diversas línguas - indígenas, africanas, portuguesa e de imigrantes - representa uma dentre tantas questões sociais que contribuíram e contribuem para a variação e formação do que hoje, no Brasil, chamamos de Língua Portuguesa. Assim, podemos falar, então, de uma língua histórica, cultural e socialmente heterogênea.

Ainda de acordo com Faraco (2016, p. 71), em função dessa heterogeneidade de povos, surgiram diversas ocorrências linguísticas. Por volta de 1720, os portugueses se articularam para “preservar” a “honra” da língua contra os falares “insultuosos”, como forma de manter seu domínio. Nascia então, o processo de distinção social que, séculos depois, culminaria no cenário que pretendemos observar nesta dissertação: as manifestações linguísticas das comunidades do Rio de Janeiro como práticas de identidade.

“Quem tem boca vai a Roma”, esse é um ditado popular que significa que as pessoas que são capazes de se expressar verbalmente têm mais chances de alcançar seus objetivos, resolver problemas ou conseguir o que desejam, ainda que difícil seja a situação. No entanto, como vimos nas linhas acima, isso não é de tudo verdade. Para a sociedade não basta falar, tem que “saber falar”. Há uma condenação à linguagem falada nas favelas. Assim como para Faraco, Bagno em seu livro “preconceito linguístico” também corrobora com a visão de Faraco:

a língua foi, tem sido e é usada como instrumento para a veiculação explícita do preconceito, ou seja, como instrumento de discriminação contra grupos sociais ou povos inteiros. Essa discriminação é tão explícita que se cristalizou numa série de termos empregados para designar o outro, aquele que fala diferente e, portanto, deve ser ridicularizado e até mesmo exterminado, pura e simplesmente.” (BAGNO, 2015, p. 305)

A discriminação da forma de falar dos moradores de favela remonta aos tempos da Grécia antiga. Os gregos consideravam todos aqueles que não compartilhavam sua língua e costumes como bárbaros, sendo para eles a única língua perfeita o grego. Dessa forma, condenavam, toda e qualquer língua que fosse diferente do grego. A palavra “bárbaro” era uma indicação onomatopaica *bar-bar-bar*, onde os gregos apontavam a sua incompreensão ao que

era dito pelos outros povos. Esses povos incluíam tribos germânicas, celtas e eslavas, dentre outras, cujas línguas eram diferentes do grego e do latim. Os gregos consideravam que os outros povos não falavam, mas gaguejavam. Ainda sobre essa palavra, Bagno nos conta:

Essa palavra pode ter parentesco com o latim *balbus*, “gago”, de onde vem nosso verbo *balbuciar* e o substantivo *balbúrdia*. seja como for, o que era de início apenas um modo pejorativo de designar os modos de falar rapidamente se transferiu para as próprias pessoas que assim falavam, e é por isso que até hoje, no Ocidente, usamos *bárbaro* com o sentido de “rude, grosseiro, incivilizado, agressivo, feroz”. E é de bárbaro que provêm nossas palavras brabo e bravo. (BAGNO, 2015, p.306)

Essa visão reflete uma mentalidade de superioridade cultural comum em muitas sociedades antigas, onde o "outro" era frequentemente considerado menos civilizado. Para os gregos, sua língua e cultura eram centrais para sua identidade e orgulho nacional, e aqueles que não se encaixavam nesse molde eram vistos como inferiores.

Em “Racismo Linguístico”, Nascimento (2019) também destaca essa superioridade e extermínio por parte da classe hegemônica e colonizadora. Nascimento nos conta apresenta o papel da linguagem como uma ferramenta utilizada no Ocidente para fortalecer o colonialismo e exercer dominação sobre os povos não brancos. O autor propõe uma análise histórica para trazer à tona as origens do racismo linguístico, remetendo-se ao período colonial. Segundo o autor, o racismo se encontra vinculado a uma política promovida de extinção das línguas indígenas e africanas, resultando no que ele chama de *linguicídio* e *epistemicídio*, que “são ataques sistemáticos às línguas não europeias – ou seja, as línguas de todos os povos que não pertencem ao eixo hegemônico europeu e ao conhecimento do outro”. Assim, o autor atesta que não apenas a origem das formas de opressão linguística impostas ao estrangeiro estava alicerçada etnicamente, mas também as raízes do preconceito linguístico. O *linguicídio* marca, ainda, a língua como um palco do poder, da dominação e da humilhação. (NASCIMENTO, 2019). Segundo Evaristo

[...] Houve um *linguicídio* africano no Brasil. O período da escravidão brasileira legou ao país uma espécie de “não-herança” africana da língua portuguesa, ao ponto de ainda hoje essas duzentas línguas africanas – bem como as mais de mil línguas indígenas – mal serem conhecidas pelo nome. Os estudos históricos e linguísticos ainda engatinham na análise dos fenômenos do período, assim como apenas nas últimas décadas houve um maior interesse dos acadêmicos para a questão. O *linguicídio* existiu, mas parece que poucos o perceberam.

Isso exposto, o que queremos é propagar as variantes não hegemônica dentro da própria língua portuguesa. Nesse caso, as marcas linguísticas presentes em territórios em

vulnerabilidade. Com esse estudo nosso intuito é levar ao conhecimento da academia essa forma de falar que por muito tempo foi criticada e renegada. Com admiração pela linguagem falada nas favelas, a perspectiva de nosso estudo se voltará para as gírias, expressões idiomáticas e neologismos criados e usados pelos moradores de favela. Nossa pesquisa será exclusivamente bibliográfica, onde pretendemos observar os indícios sobre identidade linguística em dissertações e teses presentes em bancos de dados específicos que versem sobre a temática que aspiramos nesse estudo. Caso não seja possível observar esses padrões, devido à falta de estudos que abordem esse tema, estaremos abertos a discutir os dados que nos será revelado numa metodologia qualitativa ou quali-quantitativa. Ensejamos um estado da arte, ou seja, observar aquilo que já foi produzido acerca desse assunto.

Através de nossas leituras, depreendemos que o estado da arte busca sistematizar ou oferecer um balanço sobre determinado conhecimento produzido em um determinado período acerca de alguma área específica, corroborando com essa perspectiva Messina (1998, p.1) definiu o Estado da arte como “um mapa que nos permite continuar caminhando”. É uma forma de olhar pelo retrovisor e ver o que já passou pelo caminho sobre esse tema específico e a depender das lacunas deixadas por elas (Romanowski e Ens, 2006), ter a oportunidade de preenchê-las ou continuar a discussão instauradas por elas. Esse tipo de pesquisa é exclusivamente bibliográfico, no entanto, na análise dos resultados obtidos, é possível empregar outras metodologias.

O “Estado da Arte” enfrenta o desafio de ir além do mapeamento das produções científicas em diferentes campos do conhecimento, “[...] épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários” (Ferreira, 2002, p. 258). Assim sendo, o Estado da Arte emerge de um vasto corpus de pesquisas heterogêneas, caracterizadas por diferentes ênfases, níveis de profundidade e registros variados. Essa abordagem de revisão bibliográfica possibilita um diálogo com outros pesquisadores em campos afins e revela a riqueza de dados produzidos em suas investigações.

Em nossa dissertação, investigamos trabalhos que abordam as marcas de uma identidade linguística em territórios vulneráveis na cidade do Rio de Janeiro e que possuam uma perspectiva identitária favelada. A partir dos dados fornecidos, foi possível agrupar as pesquisas de acordo com alguns critérios evidenciados na seção metodológica e no corpus de análise desta dissertação.

A facilidade de compreensão que tenho hoje nem sempre existiu. Através da admiração e dos laços de amizade que se iniciaram, foi se estabelecendo uma conexão entre as pessoas, o

ambiente e a linguagem que me permitiram a interação. O conhecimento de algumas palavras e expressões, aos poucos, trouxe-me um sentimento de pertencimento, mesmo não sendo residente de um território de favela. Quando estou imerso nesses territórios, sempre adequo minha linguagem para, de alguma forma, sentir-me pertencente a eles. Esse é o ponto chave em que queremos nos debruçar nesta dissertação: identidade e pertencimento.

Para Hall e Woodward (2008) no que tange aos estudos culturais, a identidade não mais se apresenta como pronta e acabada, e sim definida como fragmentada, não fixa, mas em contínua transformação, e alicerçada na diferença para com o outro.

A construção da identidade, portanto, com base nas afirmações acima, não é algo pronto e acabado, que surge da noite para o dia, nem algo que vem unicamente do berço e das relações familiares (DAMKE, 1998) resultantes apenas de seu próprio eu, e sim construída e modificada constantemente por fatores étnicos, religiosos, políticos, culturais ou sociais, fatores estes que fazem parte da história do ser humano e de sua relação com o outro. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 71) “cada enunciado é para o falante um ato de identidade” e, ao expressar um enunciado, o falante demonstra um sentimento de identidade que lhe é individual, mas ao mesmo tempo coletivo, pois a identidade é formada também pela convivência e pelo sentimento de pertencimento para com a comunidade ou grupo no qual este indivíduo está inserido. Rajagopalan, em relação à identidade e sua construção, diz que

a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Desse modo, as identidades, ao passarem por esse estado de fluxo, transformam-se constante e ininterruptamente pela própria e natural transformação da sociedade e do cotidiano.

Acreditamos que o Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com a linha de pesquisa Linguagem e Sociedade, é o lugar mais indicado para o desenvolvimento de uma pesquisa como esta, que articula esses dois conceitos fortemente e que faz um entrelaçamento ainda com sujeito, identidade e pertencimento – pontos que estão condizentes com a descrição da linha de pesquisa no PPLIN. Ao mesmo tempo, a orientação do Prof. Dr. Jefferson Evaristo foi uma grande contribuição para esta pesquisa, uma vez que ele tem experiência em trabalhos em perspectiva historiográfica, em análise de panoramas de pesquisa e em observações linguístico-culturais e

identitárias – o que pode ficar comprovado através da consulta de seu Lattes e da observação atenta de suas pesquisas.

1 METODOLOGIA

Na introdução desta dissertação, exploramos algumas aspirações fundamentais que orientaram nosso trabalho. Nessa seção, evidenciamos o percurso metodológico, que moldou nossa abordagem de pesquisa. Neste capítulo, nosso objetivo foi expor o que desejávamos alcançar e também como pretendíamos fazê-lo. Delimitamos nosso arcabouço estratégico, o que nos permitiu investigar as questões propostas na introdução. Além disso, apresentamos nossas escolhas e justificativas, contextualizando-as com o corpus de conhecimento existente em nosso campo de estudo. Assim, entendíamos que

a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos. A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados (Bruyne, 1991, p.29)

Tendo em vista a adoção de uma concepção de metodologia por nossa parte, entendemos a necessidade de uma definição do que é pesquisa no âmbito desta dissertação, o que será feito adiante.

1.1 Definição da pesquisa

Antes de adentrarmos na definição da pesquisa, retornaremos às motivações que nos levaram a estudar o que propomos neste trabalho. Como apresentado na introdução, nossa motivação para esta pesquisa foi algo que identificamos ao longo de nossa jornada enquanto estudante de Pedagogia e posteriormente de Letras. Estabelecemos uma profunda conexão com algumas comunidades e favelas da cidade do Rio de Janeiro e percebemos que os encontros com os moradores revelaram uma diversidade impressionante de expressões, gírias e formas de comunicação das quais não tínhamos acesso mesmo residindo na mesma cidade desses territórios. Além disso, com a aproximação, veio a admiração e o pertencimento por parte deste pesquisador sobre o grupo pesquisado. À medida que o tempo foi avançando, passamos também a fazer uso das expressões idiomáticas e gírias que permeiam essas comunidades: sempre que

estamos nelas, percebemos que nossa forma de falar se adequa à dos moradores desses territórios, o que nos faz nos sentirmos próximos deles.

Nesse sentido, entendemos como pesquisa um trabalho análogo ao de um confeitoiro; na preparação de um bolo, por exemplo, o confeitoiro precisa seguir a receita, escolher o sabor, o tipo de bolo, os ingredientes e as ferramentas que são necessárias para cumprir a confecção desse alimento. O bolo só ficará agradável para os olhos e paladar se aquele que está preparando o prato empregar todas as habilidades e técnicas para esse feito. Alguém que não possui tal habilidade, alguém que nunca fez um bolo, muito provavelmente não terá sucesso nessa empreitada. Dessa forma, o sucesso de uma pesquisa está intimamente relacionado ao procedimento a ser seguido. Tal como o confeitoiro, entendemos que o pesquisador precisa escolher o caminho para atingir determinados objetivos, tendo em mente que a pesquisa não é um caminho controlável e previsível, mas que possivelmente será necessário rever as etapas constantemente.

Em função disso e dos objetivos que propomos neste estudo – isto é, elaborar um estado da arte –, a melhor metodologia a ser empregada entende-se como sendo bibliográfica, comparativa e qualitativa:

Sobre a pesquisa bibliográfica:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov e Freitas, 2013, p. 54).

E qualitativa:

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem à suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Pope e Mays, 2005, p.13).

A depender da abordagem do fenômeno a ser pesquisado, a pesquisa pode ser quantitativa, qualitativa (Lüdke e André, 1986; Markoni e Lakatos Severino; 2016; Prodanov e Freitas, 2013), ou ainda juntar características de ambas em uma pesquisa mista ou quali quantitativa (Rangel, Rodrigues e Mocarzel, 2018; Creswell, 2007). O pesquisador precisa conhecer suas aspirações investigativas. Se a pesquisa procura identificar ou trazer dados

estatísticos, comparativos, métricos, etc, sobre determinado fenômeno social, a melhor opção seria a pesquisa quantitativa³. Sendo assim, no entendimento de Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa quantitativa é utilizada:

[...] principalmente quando buscam a relação causa-efeito entre os fenômenos e também pela facilidade de poder descrever a complexidade de determinada hipótese ou de um problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou das atitudes dos indivíduos (Prodanov e Freitas, 2013, p. 70)

Mas se, por outro lado, o pesquisador procura compreender determinados aspectos de natureza subjetivos que não podem ser traduzidos em número, a melhor opção seria a qualitativa⁴, esse tipo de pesquisa não tem:

[...] dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados (Prodanov e Freitas, 2013, p. 70).

Para melhor explicação e comparação entre esses dois métodos de pesquisa, Prodanov e Freitas (2013), apresentam um quadro comparativo dos métodos:

³ A pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros. (MICHEL, 2005).

⁴ A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

Quadro 1 – Comparação entre pesquisa qualitativa e quantitativa

Ponto de Comparação	Pesquisa Qualitativa	Pesquisa Quantitativa
Foco da pesquisa	Qualidade (natureza e essência)	Qualidade (quantos, Quanto)
Raízes filosóficas	Fenomenologia, interação, simbólica	Positivismo, empiricismo, lógico
Frases associadas	Trabalho de campo, etnografia, naturalismo, subjetivismo	Experimental, empírico, estatístico
Metas de investigação	Entendimento, descrição, descoberta, generalização, hipótese	Predição, controle, descrição, confirmação, teste de hipótese
Ambiente	Natural, familiar	Artificial, não-natural
Amostra	Pequena, não-representativa	Grande, ampla
Coleta de dados	Pesquisador como principal instrumento (entrevista, observação)	Instrumento manipulados (escala, teste, questionário etc.)
Modo de análise	Indutivo (pelo pesquisador)	Dedutivo (pelo métodos estatístico)

Fonte: Adaptado de Prodanov e Freitas (2013, p. 71).

Tendo em vista a complexidade da análise dos dados obtidos em nosso corpus de análise -, não foi possível prever inicialmente se utilizaríamos apenas o método qualitativo. Durante o andamento da pesquisa, no momento da análise dos dados, utilizamos os métodos isoladamente ou em conjunto, conforme a necessidade identificada. Nesse processo a tabela comparativa de Prodanov e Freitas nos auxiliou, pois comparou aspectos-chave da pesquisa qualitativa e quantitativa, destacando suas diferenças fundamentais. Enquanto a pesquisa qualitativa foca na

qualidade, natureza e essência dos fenômenos sociais, a pesquisa quantitativa se concentra em quantificar características, utilizando métodos estatísticos para testar hipóteses e fazer previsões. Essas diferenças refletem abordagens distintas para entender o mundo social e os fenômenos que ocorrem nele. Tendo em vista que nossa pesquisa é exclusivamente bibliográfica - embora o que nos motivou nesse estudo foi a observação em campo - é possível utilizar os dois métodos, uma vez que analisamos qualitativamente os resultados das pesquisas obtidas e quantitativamente, pois pretendemos categorizar os resultados obtidos, assim como tendências e temáticas. A combinação entre os dois métodos pode nos fornecer um cenário mais amplo de nosso estudo fornecendo uma análise ampla e estrutural de nosso estudo.

A pesquisa qualitativa é caracterizada como interpretativa⁵, o que implica uma análise profunda e reflexiva dos fenômenos sociais. Nesse sentido, os pesquisadores não se limitam a coletar dados, mas também se envolvem em um processo interpretativo para compreender os significados atribuídos pelos participantes aos eventos sociais.

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem à suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Pope e Mays, 2005, p.13).

Assim, também

Na pesquisa qualitativa o pesquisador deve ter como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos (Minayo, 2014, p.195).

Como assinalado por Minayo (2014), é fundamental que o pesquisador mantenha uma postura de abertura, flexibilidade e capacidade de observação. Nesse caso, a "abertura" refere-se à disposição do pesquisador para receber novas informações e perspectivas durante o processo de pesquisa, sem se prender a preconceções. Isso implica estar receptivo a descobertas inesperadas que possam surgir.

⁵ Os interpretativistas sustentavam que o propósito das ciências humanas era entender a ação humana (SCHWANDT, 2006). A partir de um ponto de vista interpretativista, o que diferencia a ação humana do movimento dos objetos físicos é o fato de a primeira ser particularmente significativa. Isto quer dizer que uma ação humana é significativa quando esta possui certo conteúdo intencional que indica seu tipo de ação e/ou que o significado de uma ação pode ser compreendido apenas como o sistema de significados ao qual está pertence (SCHWANDT, 2006). Dessa forma, para que uma determinada ação social seja entendida, é necessário que o pesquisador compreenda o significado que os atores atribuem à ação. Nesse sentido, a realidade social é, portanto, uma rede de representações complexas e subjetivas, um processo emergente, uma extensão da experiência vivida pelas pessoas (incluindo o pesquisador) encarnadas no mundo "real" (VERGARA e CALDAS, 2005).

Nosso interesse acadêmico por marcas de identidade linguística iniciou-se ainda enquanto estudante de Pedagogia – e isso só aconteceu em função da flexibilidade e sensibilidade preconizadas por Minayo (2014). Sem esse movimento de “abertura” para o novo, precípuo a qualquer pesquisador, não teríamos conduzido este estudo. Conforme exposto na introdução, e aqui retomamos para um diálogo com as proposições defendidas por Minayo (2014), identificamos que a origem de nossa pesquisa reside na observação de que as marcas de identidade linguística utilizadas pelos habitantes das comunidades cariocas não apenas refletem a identidade desses territórios, mas também contribuem para o sentimento de pertencimento dos indivíduos à medida que incorporam tais marcas em sua fala. Esse fenômeno revela a complexa interação entre linguagem, identidade e espaço geográfico, sugerindo que a linguagem não apenas serve como um meio de comunicação, mas também como um instrumento de construção social e cultural. Aprofundando a análise, observa-se que essas marcas de identidade linguística são multifacetadas, abrangendo aspectos fonéticos, lexicais e sintáticos, os quais são moldados por fatores históricos, sociais e culturais intrínsecos à região. Portanto, nosso estudo busca não apenas documentar essas características através de pesquisa bibliográfica, mas também compreender suas funções e significados dentro da comunidade, contribuindo assim para o campo da sociolinguística e para a valorização da diversidade linguística presente no Rio de Janeiro.

No processo de pesquisa, é natural que o pesquisador frequentemente se depare com mudanças e desafios inesperados, exigindo adaptações em seus métodos e abordagens ao longo do estudo. Além disso, destaca-se a importância da "capacidade de observação" do pesquisador, que envolve a habilidade de observar cuidadosamente os eventos, interações e contextos relevantes ao fenômeno investigado, a fim de identificar padrões e detalhes significativos que possam contribuir para uma compreensão mais profunda do objeto de estudo (Guba e Lincoln, 1989).

No contexto deste trabalho, é importante se atentar ao impacto da imersão no ambiente social em que o fenômeno ocorre, o que pode influenciar nossa percepção e interpretação dos dados coletados. A reflexão sobre nosso envolvimento prévio com o contexto de pesquisa nos leva a considerar possíveis vieses e a adotar estratégias para mitigar seu impacto nos resultados. Todavia, adotamos uma abordagem qualitativa, o que nos permite explorar o "porquê" das coisas, buscando compreender os processos subjacentes e as razões por trás dos fenômenos observados. Reconhecemos, assim, a limitação do nosso conhecimento prévio e a necessidade de permanecer abertos a descobertas inesperadas ao longo do processo de pesquisa. A amostra do objeto deste estudo exposta em nossa introdução e retomada na metodologia, tem como

finalidade contribuir para a produção de novos conhecimentos e compreensões sobre o fenômeno que pretendemos estudar.

Nesse sentido, é possível, por meio de obras já publicadas, realizar uma investigação acerca do conhecimento já produzido sobre aquilo que qualquer pesquisador busca estudar. A pesquisa bibliográfica nos permite conhecer mais profundamente o assunto estudado, à medida que nos oferece análises e perspectivas embasadas em trabalhos anteriores. Dessa forma, ao revisarmos a literatura existente, podemos identificar lacunas, tendências e contribuições relevantes para o desenvolvimento do nosso próprio estudo.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas.

Toda pesquisa científica é iniciada pela bibliográfica e, nela, o pesquisador tem a oportunidade de revisar de forma extensiva a literatura existente sobre determinado tema. De alguma forma, essa primeira etapa serve como alicerce para a investigação mais abrangente que virá na sequência. Ela proporciona uma compreensão do estado atual do conhecimento produzido até então sobre um tema ou campo específico. Através de análise de artigos, livros, dissertações e teses, por exemplo, o pesquisador pode identificar determinadas lacunas no conhecimento, descobrir tendências sobre determinado assunto, compreender teorias defendidas por outros autores, além de familiarizar-se com os métodos utilizados por outros pesquisadores.

Com base na revisão bibliográfica, o pesquisador pode formular hipóteses ou questões de pesquisa que orientarão todo o estudo, tendo um parâmetro de tudo aquilo que já foi produzido.

Para Fonseca (2002, p. 32),

a pesquisa bibliográfica [...] é realizada [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na

pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Para iniciar a investigação, é necessário escolher um tema de pesquisa. Após a pesquisa bibliográfica, esse tema pode ser delimitado e refinado. Ao utilizar palavras-chave em bancos de dados acadêmicos como *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Periódicos Capes*, o pesquisador terá acesso a diversos trabalhos. A partir desses resultados, ele poderá refinar seu tema e aprofundar sua pesquisa. Esses trabalhos oferecerão ao investigador um contato direto com as contribuições de outros pesquisadores sobre o assunto de seu interesse. Outro aspecto importante para a pesquisa bibliográfica é o problema de pesquisa. A partir dele é possível levantar hipóteses. O problema é a parte central da pesquisa. O tema pode ser delimitado na identificação do problema. O problema oferecerá a elaboração de hipóteses e organização do trabalho.

Para Marconi e Lakatos (1999, p. 28):

O problema deve ser levantado, formulado, de preferência em forma interrogativa e delimitado com indicações das variáveis que intervêm no estudo de possíveis relações entre si. É um processo contínuo de pensar reflexivo, cuja formulação requer conhecimentos prévios do assunto (materiais informativos), ao lado de uma imaginação criadora.

Considerando essas questões, nosso estudo será a realização do estado da arte acerca das marcas de identidade linguística no Brasil, que além de oferecer à comunidade acadêmica uma visão abrangente sobre as pesquisas já desenvolvidas, visa identificar lacunas e novas possibilidades de investigação. Este levantamento será fundamental para compreender como as identidades linguísticas se manifestam nas favelas e de que forma esses traços contribuem para a afirmação de um pertencimento linguístico único.

Pretendemos mapear os estudos que abordam a relação entre linguagem e identidade em contextos de exclusão social, destacando as particularidades do cenário brasileiro. A partir dessa análise, esperamos promover uma discussão crítica sobre o papel da linguagem na construção e manutenção das identidades faveladas, considerando as influências históricas, culturais e sociais que moldam esses discursos.

Além disso, nosso trabalho buscou evidenciar a importância da valorização das variedades linguísticas presentes nas favelas, reconhecendo-as como legítimas expressões culturais e instrumentos de resistência e afirmação identitária. Esperamos que este estudo contribua para uma maior conscientização sobre a diversidade linguística e a necessidade de

políticas educacionais inclusivas que respeitem e promovam a pluralidade de vozes e modos de expressão existentes no Brasil.

Nas próximas linhas, discutiremos nossa compreensão sobre os percursos metodológicos, especificidades, os caminhos a serem seguidos e a forma mais adequada para a coleta de dados no estado da arte, bem como sua serventia para nossa empreitada. Em pesquisa realizada nos bancos de dados do *Scielo e Google Acadêmico*, encontramos alguns trabalhos que utilizaram o estado da arte como metodologia. apesar de termos encontrado apenas um trabalho que versasse sobre essa forma de fazer pesquisa, ou seja, um trabalho que indique como o estado da arte deve ser feito. Com isso, em nossas leituras do referido trabalho e em outros que tinham a metodologia como alicerce, buscamos embasamentos que serviram como nosso guia. Sendo assim, na elaboração do estado da arte é preciso considerar “categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles, as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado” (Soares 2000, p. 04). Romanowski e Ens (2006, p. 785-786) orientam que:

primeiro definir os descritores para direcionar a busca das informações; localizar os bancos de pesquisas (artigos, teses, acervos etc.); estabelecer critérios para a seleção do material que comporá o corpus do estudo; coletar material de pesquisa; como também leitura das produções, com elaboração de sínteses preliminares; para organizar relatórios envolvendo as sínteses e destacando tendências do tema abordado; e assim analisar e elaborar as conclusões preliminares.

O estado da arte é comumente utilizado como forma de estruturar e discorrer sobre determinado tema em âmbito acadêmico. Para Ferreira (2002, p. 258), as pesquisas do estado da arte,

[...] parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrados e teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.

Entretanto, o estado da arte apresenta limitações metodológicas. Esse tipo de pesquisa enfrenta desafios na busca por trabalhos que proporcionem um maior entendimento sobre o tema. A dificuldade em encontrar estudos que abordem o estado da arte de maneira aprofundada é corroborada por Palanch e Freitas (2015 p.785):

[...] o Estado da Arte, enquanto metodologia de pesquisa, ainda encontra-se envolto em um grande mistério, não apenas em seu formato e forma de coleta de dados, mas também na análise desses dados, impossibilitando, assim, que os conceitos

obtidos em diferentes manuais de pesquisa científica sejam revistos e ampliados. Ao buscarmos informações específicas sobre esta metodologia, entraremos em uma seara ainda bastante complexa, encontrando quase sempre o silêncio dos antigos compêndios, ou indicações que se resumem basicamente no formato catalográfico. Poucas são as indicações que acenam para a possibilidade de a pesquisa ser exclusiva no formato de Estado da Arte.

Além disso, outra dificuldade inerente a essa metodologia, conforme apontada por ANDRÉ, Marli; ROMANOWSKI (2001), reside na análise dos dados. Isso ocorre porque os resumos disponibilizados nos trabalhos encontrados em bancos de dados frequentemente não seguem um padrão universal, mas sim, do programa de pós-graduação ou revista acadêmica de veiculação do texto. Como resultado, em alguns casos, esses resumos podem não refletir integralmente a verdadeira intenção do autor do trabalho. Alguns resumos acabam ainda por omitir informações relevantes presentes no conteúdo completo da pesquisa.

Os temas dos trabalhos também apresentam uma grande dificuldade, uma vez que não condizem, em alguns casos, com o que preconiza a pesquisa. Ferreira (2002, p. 264) aponta que, embora os resumos das dissertações e teses presentes nos catálogos possam parecer homogêneos à primeira vista, há na verdade uma grande heterogeneidade entre eles.

Apesar das dificuldades metodológicas que observamos a respeito do Estado da Arte, acreditamos que, com base em nossos estudos iniciais, esse tipo de pesquisa é fundamental para alcançarmos nosso objetivo de investigação. Inicialmente, o Estado da Arte nos auxiliará a descobrir o que tem sido realizado em nosso tema de pesquisa – marcas de identidade linguística – entre os anos de 2013 a 2023. Essa compreensão é crucial para embasar nosso próprio trabalho e contribuir para o avanço do conhecimento nessa temática. Além disso, a análise crítica dos trabalhos existentes nos permitirá identificar lacunas e oportunidades para novas pesquisas, enriquecendo o campo da nossa investigação.

Considerando essas questões, vejamos a seguir nosso objeto de estudos.

1.2 Problematização e questões do estudo

Conforme mencionado na introdução do nosso trabalho, durante nossa trajetória acadêmica e imersão em territórios vulneráveis, como favelas e comunidades na cidade do Rio de Janeiro, identificamos uma variante da língua portuguesa que, inicialmente, constatamos empiricamente como inerente a esses territórios. À medida que avançamos em nossas leituras

e pesquisas, observamos que, apesar da ampla discussão sobre variação linguística no meio acadêmico, as marcas de identidade linguística presentes nessas favelas e comunidades ainda carecem de atenção adequada por parte da academia.

1.3 Objetivos da pesquisa

Como objetivo geral desta pesquisa, almejamos observar e analisar, por meio de uma investigação bibliográfica e documental, o estado atual das pesquisas sobre identidade e representação linguística nas comunidades de favela do Rio de Janeiro. Nosso intuito é mapear e compreender as diversas abordagens e perspectivas que têm sido adotadas nos últimos anos, contribuindo assim para um entendimento mais profundo desse campo de estudo. Pretendemos identificar tendências, lacunas e avanços nas pesquisas, bem como destacar os principais teóricos e metodologias que têm moldado esse debate. Ao realizar essa análise, esperamos fornecer uma base sólida que possa orientar e inspirar futuras investigações, promovendo uma valorização ainda maior das vozes e experiências linguísticas das comunidades de favela.

De maneira subsidiária, como objetivos específicos, pretendemos ainda:

- a) Criar referencial bibliográfico sistematizado acerca do tema
- b) Valorizar a identidade e as marcas de identidade linguísticas de comunidades de favela do Rio de Janeiro
- c) Analisar criticamente as abordagens metodológicas utilizadas em estudos anteriores sobre o tema desta dissertação.
- d) Aproximar a realidade das comunidades de favela da pesquisa acadêmica, e vice-versa

1.4 Corpus de análise

Nosso corpus de análise será constituído a partir de um levantamento de pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando as palavras-chave que orientam esta investigação. Acreditamos que esta fonte de dados é a mais essencial para as análises que nos propomos a realizar, visto que oferece um panorama abrangente e diacrônico das pesquisas em

nível de pós-graduação no Brasil. Este catálogo nos permite ter acesso a um conjunto extenso de trabalhos que refletem o estado atual das pesquisas acadêmicas, fornecendo uma base sólida para nosso estudo.

Reconhecemos a existência de outros repositórios relevantes, como o Google Scholar e o SciELO, que também desempenham um papel significativo na disseminação do conhecimento. No entanto, esses repositórios, por se concentrarem principalmente em artigos científicos, não conseguem capturar a complexidade e a profundidade das investigações realizadas no âmbito da pós-graduação. As teses e dissertações, por sua natureza, tendem a abordar temas de forma mais detalhada e abrangente, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados.

Ademais, um dos nossos objetivos centrais é estreitar a relação entre as comunidades e a academia. Escolhemos, portanto, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, pois acreditamos que essa escolha nos permitirá trazer à tona pesquisas que, além de academicamente relevantes, têm um potencial impacto direto nas comunidades. Dessa forma, podemos promover um diálogo mais próximo e frutífero entre o conhecimento produzido nas universidades e as realidades vividas nas comunidades, contribuindo para uma maior integração e valorização do saber acadêmico na sociedade.

Portanto, nosso objetivo neste estudo consiste na investigação no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes por trabalhos que versem sobre o tema central de nossa pesquisa. Com base nessa investigação, será possível entender as tendências dos estudos sobre identidade linguística e identidade favelada nos últimos anos. Para tanto, usaremos as seguintes palavras-chave em nossa busca no catálogo: “identidade linguística”, “identidade favelada” e “pertencimento linguístico”. Com esse estudo será possível discutir os avanços, lacunas e perspectivas futuras do nosso tema. A análise dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes permitirá identificar possíveis padrões de pesquisa e as respectivas áreas de maior/menor concentração das investigações.

Compreendemos, assim, que uma forma altamente eficaz de obter uma visão abrangente das pesquisas conduzidas no Brasil sobre um determinado tema é explorar o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES para identificar quais e quantos estudos foram conduzidos em determinada área.

A escolha da CAPES como referência se deve ao fato de que todos os programas de pós-graduação do país são obrigados a registrar suas pesquisas na plataforma. Conseqüentemente, todo trabalho de pós-graduação realizado no Brasil é incluído no Catálogo da CAPES. Por essa razão, o Catálogo da CAPES fornece dados oficiais que naturalmente

auxiliam na compreensão de temas, tendências, autores, possibilidades, práticas e teorias que estão presentes ou ausentes em uma determinada área de pesquisa.

O cerne de nosso intento reside na apreensão e análise crítica do corpus bibliográfico existente, tendo como epicentro a elucidação dos elementos linguísticos que se configuram como veículos de expressão e construção identitária no contexto das comunidades e favelas do Rio de Janeiro. Vislumbra-se, assim, a compreensão aprofundada do que já foi erigido no domínio acadêmico acerca dessa temática, fomentando um arcabouço conceitual e analítico robusto.

No escopo metodológico, a revisão integrativa se revela como a abordagem mais adequada, uma vez que propicia a convergência de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, possibilitando uma síntese holística do conhecimento acumulado sobre o tema. Desta feita, pretende-se transcender a mera catalogação de estudos, almejando-se a tessitura de uma compreensão mais profunda e interconectada, capaz de lançar luz sobre as nuances e complexidades subjacentes à relação entre as marcas linguísticas e a identidade dessas nas favelas.

Assim sendo, o desdobramento deste estudo alinha-se a uma diligente busca por lacunas e brechas no corpus acadêmico existente, com vistas a contribuir para o adensamento do conhecimento nesse campo específico. Nossa expectativa é que, ao final deste empreendimento, possamos não apenas mapear as produções já existentes, mas também fornecer subsídios para a promoção de futuras pesquisas que aprofundem a compreensão das intrincadas relações entre as marcas linguísticas e a identidade nas comunidades e favelas.

O método utilizado foi a revisão integrativa – pertencente ao grupo das revisões bibliográficas sistemáticas. Esse método possibilita a síntese de vários estudos já publicados, permitindo a geração de novos conhecimentos pautados nos resultados apresentados pelas pesquisas anteriores (Mendes, Silveira e Galvão, 2008; Benefield, 2003; Polit e Beck, 2006).

O termo “integrativa” tem origem na integração de opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas utilizadas no método. Uma boa revisão integrativa segundo Whittemore e Knafl (2005), apresenta o estado da arte sobre um tema, contribuindo para o desenvolvimento de teorias. O método de revisão integrativa é uma abordagem que permite a inclusão de estudos que adotam diversas metodologias (ou seja, experimental e de pesquisa não experimental). O método possui 6 etapas principais:

1. identificação do tema e seleção da questão de pesquisa
2. estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão

3. identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados
4. categorização dos estudos selecionados
5. análise e interpretação dos resultados
6. apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Desta forma, a revisão integrativa destaca-se por sua capacidade de fornecer uma compreensão abrangente e detalhada de um tema específico ao sintetizar resultados de diversas abordagens de pesquisa. Esse método é particularmente valioso em campos emergentes ou interdisciplinares, onde a integração de múltiplas perspectivas pode revelar padrões, lacunas e novas direções para investigação. Além de oferecer um panorama consolidado do estado da arte, a revisão integrativa também contribui para a construção e o refinamento de teorias, promovendo avanços significativos no conhecimento científico. Por meio de suas seis etapas principais, desde a identificação do tema até a apresentação da síntese do conhecimento, o método assegura um processo rigoroso e sistemático, garantindo a relevância e a qualidade das conclusões.

2 LÍNGUA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Neste capítulo, exploraremos as palavras "língua", "identidade" e "pertencimento" em suas múltiplas dimensões e inter-relações. Investigaremos como cada um desses conceitos contribui para a compreensão da identidade linguística, com um foco especial em como eles se manifestam no contexto das comunidades faveladas. Analisaremos o papel da língua como um veículo de expressão e construção de identidade, e como o sentimento de pertencimento é moldado e reforçado por práticas e discursos linguísticos. O objetivo é desvendar como esses termos se interconectam e influenciam a forma como os indivíduos e grupos se percebem e são percebidos dentro de suas comunidades.

O Dicionário Houaiss⁶ apresenta diversas definições para a palavra "língua", das quais algumas são destacadas e categorizadas a seguir:

Quadro 2 – Categorias e definição sobre a palavra língua

Categoria	Definição
Anatomia	Órgão muscular recoberto de mucosa, situado na boca e na faringe, responsável pelo paladar e auxiliar na mastigação e na deglutição, e na produção de sons.
Língua	Sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falada ou escrita.
Língua	Estilo de expressão particular a um grupo social, profissional ou cultural; linguagem «a l. das classes altas» «a l. dos matemáticos».
Estilo	Estilo de expressão característico de um escritor, uma escola, um movimento, uma época; linguagem «a l. de Guimarães Rosa» «a l. dos simbolistas» «a l. dos seiscentistas» «a l. do sXI».

Fonte: Adaptado de dicionário Houaiss.

A partir das definições e categorias descritas anteriormente, depreendemos que língua é um conceito amplo e que, para compreendê-la em sua totalidade, é essencial considerar seus diferentes usos em contextos distintos. Primeiramente, a palavra língua pode ser compreendida em um sentido biológico, como um órgão muscular que faz parte do aparelho fonador, responsável pela produção de sons articulados que formam a base da fala. Nesse sentido, a

⁶ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#5. Acesso em: 19 set. 2024.

língua é vital para a comunicação humana, uma vez que permite a modulação de sons que, combinados com outros elementos do sistema fonador, possibilitam a expressão verbal.

Por outro lado, a língua é frequentemente entendida como um sistema de signos compartilhado por uma comunidade de falantes. Essa perspectiva foi amplamente desenvolvida por Saussure, cujo trabalho influenciou significativamente a linguística moderna. No contexto brasileiro, autores como Bagno enfatizam que a língua, nesse sentido, vai além de um mero instrumento de comunicação; ela é um fenômeno social que reflete e, ao mesmo tempo, constrói a identidade cultural e social de seus falantes. Bagno argumenta que as variedades linguísticas, muitas vezes desprezadas pela norma culta, são, na verdade, expressões legítimas de grupos sociais específicos, evidenciando a diversidade e a riqueza cultural do Brasil (Bagno, 2007).

A língua, portanto, também pode ser vista como um marcador de identidade, servindo para diferenciar grupos sociais, profissionais e culturais. Carlos Alberto Faraco explora essa ideia ao discutir como a linguagem é utilizada para afirmar pertencimentos identitários e como certas variações linguísticas são vistas como "marcadores" de pertencimento a um grupo social específico (Faraco, 2008). Por exemplo, a linguagem utilizada em favelas do Rio de Janeiro carrega consigo não apenas elementos linguísticos, mas também significados sociais e identitários profundos, que se relacionam com a resistência, a afirmação cultural e a luta por reconhecimento.

Além disso, a língua pode se referir ao estilo particular de expressão literária. Autores e movimentos literários utilizam a língua de maneiras que refletem contextos históricos e sociais específicos. Por exemplo, o Modernismo no Brasil, com autores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, buscou romper com as normas estabelecidas e criar uma linguagem literária que refletisse a identidade nacional, muitas vezes utilizando a oralidade e a coloquialidade como recursos estilísticos. Esse uso da língua demonstra como ela pode ser um veículo para expressar ideias, sentimentos e contextos históricos.

O conceito de língua no qual nosso trabalho, se insere é o da língua enquanto um sistema linguístico estruturado, composto por signos que carregam significados socialmente compartilhados.

Quando falamos de língua, estamos falando de um sistema de normas e regras que, embora sejam compartilhadas coletivamente, também estão em constante transformação e adaptação. Essas mudanças refletem as dinâmicas sociais, políticas e culturais que atravessam os indivíduos e os grupos sociais, evidenciando que a língua é, antes de tudo, um fenômeno vivo e em movimento. Dessa forma, a língua pode ser entendida não apenas como um conjunto

de palavras e regras gramaticais, mas como um espaço de negociação de significados e identidades, em que o pertencimento a uma comunidade linguística se manifesta e se afirma.

Esse pertencimento, por sua vez, está intimamente ligado à identidade linguística, que se constrói a partir das práticas discursivas e das relações sociais que moldam o uso da língua em contextos específicos. A língua, assim, torna-se uma marca de identidade, que distingue e ao mesmo tempo une indivíduos dentro de uma comunidade, reforçando o sentido de pertença e de coesão social.

Em sua obra "Curso de Linguística Geral", Saussure, apresenta a distinção entre "significante" e "significado", elementos essenciais de sua teoria do signo linguístico. O significante é definido como a imagem acústica ou a forma sonora de uma palavra, enquanto o significado refere-se ao conceito ou ideia associados a essa forma sonora.

Essa distinção mostra que o significante, como a parte material do signo, corresponde ao que é percebido sensorialmente, seja através da fala ou da escrita. Entretanto, Saussure (2021) enfatiza que o significante não possui valor por si só, sendo necessário que ele se relacione a um significado para que adquira sentido. O significado, por outro lado, é a face conceitual do signo, ou seja, a representação mental que emerge ao se ouvir ou ler uma palavra. Segundo Saussure, o significado não é uma representação concreta, mas sim uma construção mental sujeita às variações contextuais, sociais e culturais.

No entanto, a visão estruturalista de Saussure (2021) não consegue abarcar todos os aspectos que envolvem a complexidade da língua. A perspectiva saussuriana, ao concentrar-se na estrutura e no sistema de signos, deixa de lado elementos importantes como as variáveis históricas, sociais e culturais que influenciam e modelam o uso da língua. Essa abordagem, focada na língua como um sistema fechado, não contempla as dinâmicas sociais que transformam a linguagem em um processo vivo e em constante evolução.

Saussure postula a língua como um conjunto estático de regras e significados que operam dentro de uma estrutura fixa, ignorando as práticas linguísticas que ocorrem no cotidiano dos falantes, onde a língua é continuamente negociada e redefinida. Essa lacuna é especialmente evidente quando consideramos as influências externas, como o poder, a ideologia, e as relações sociais, que desempenham papéis cruciais na formação e na transformação das práticas linguísticas.

Ademais, ao desconsiderar a dimensão pragmática da linguagem, a visão estruturalista não explora a língua em seu papel como veículo de identidade e resistência. Em contextos de marginalização social, como nas favelas, a língua se torna um elemento central na afirmação de uma identidade própria, distinta das normas linguísticas hegemônicas. Nesses ambientes, a

língua transcende seu caráter meramente comunicativo e passa a ser uma ferramenta de luta e de construção identitária.

Assim temos em Antunes:

[...] a língua deixa de ser “um conjunto de signos” (que tem um significante e um significado), deixa de ser apenas um “conjunto de regras” ou um conjunto de frases gramaticais, para definir-se como um fenômeno social, como uma prática de atuação interativa, dependente da cultura e seus usuários, no sentido mais amplo da palavra. Como tal, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sócio-cultural, que ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas. Dessa forma, todas as questões que envolvem o uso da língua não são *apenas questões linguísticas*, são também *questões políticas, históricas, sociais e culturais* (cf. Scherre, 2005, p.43). Não podem, portanto, ser resolvidas somente com um livro de gramática ou à luz do que prescrevem os comandos de alguns manuais de redação. (ANTUNES, 2009, p.21)

A partir dessas críticas à visão estruturalista, outros teóricos passaram a explorar a língua em uma perspectiva mais ampla, considerando-a como um fenômeno social e cultural dinâmico (BAKHTIN, 1981), profundamente enraizado nas experiências e nas práticas cotidianas dos falantes (Labov, 1972). Essa abordagem holística permite uma compreensão mais rica e diversa das múltiplas formas como a língua é vivida, percebida e utilizada pelas comunidades. Essa visão é corroborada com o que preconiza Antunes:

Isto é, a língua, por um lado, é provida de uma dimensão imanente, aquela própria do sistema em si mesmo, do sistema autônomo, como potencialidade, como conjunto de recursos disponíveis: algo pronto para ser ativado pelos sujeitos, quando necessário. Por outro lado, a língua comporta a dimensão de sistema em uso, de sistema preso à realidade sócio-histórica do povo, brecha por onde entra a heterogeneidade das pessoas e dos grupos sociais, com suas individualidades, concepções, histórias, interesses e pretensões. (ANTUNES, 2009, p.21)

Essa abordagem é fundamental para compreender como os indivíduos de uma comunidade específica se apropriam da língua e a transformam em um elemento central de sua identidade coletiva. Ao reconhecer a língua como um reflexo e uma ferramenta de expressão de um grupo, conseguimos captar nuances que ultrapassam a simples comunicação verbal, revelando aspectos profundos de pertencimento, resistência e afirmação cultural.

Por exemplo, ao analisarmos a linguagem utilizada nas favelas, percebemos que ela não é apenas um conjunto de palavras e expressões, mas um verdadeiro símbolo de identidade e resistência. Essa linguagem, muitas vezes marginalizada ou estigmatizada pela norma culta, expressa uma visão de mundo própria, que reflete as condições sociais, as experiências e as histórias vividas por esses grupos. Como aponta Bagno, a "língua favelada" carrega consigo

uma rica carga simbólica, sendo, ao mesmo tempo, um meio de comunicação e um ato político (Bagno, 2007).

Essa perspectiva nos permite entender que a variação linguística não é meramente um desvio da norma padrão, mas sim uma manifestação legítima de um grupo social que utiliza a língua para se afirmar e para se distinguir em relação a outros grupos. A partir dessa concepção, a análise dos dados linguísticos deve ser realizada com sensibilidade e respeito às particularidades culturais dos falantes. Como destaca Faraco, é crucial reconhecer a relação intrínseca entre língua e identidade, e como essa relação se manifesta de maneira diferenciada em distintos contextos sociais e culturais (Faraco, 2008).

O termo identidade é parte do nosso cotidiano, seja ao preencher um formulário, ao apresentar um documento oficial, ou ao responder a questões sobre quem somos e de onde viemos. O termo pode ser aplicado em diversos contextos: ao refletirmos sobre nossa identidade nacional, ao abordar a identidade cultural em discussões sobre tradições, ou mesmo ao tratar da identidade digital nas redes sociais.

Por exemplo, quando nos é solicitado um documento como o RG, a primeira exigência é a comprovação de nossa identidade. Nesse contexto, o termo "identidade" assume uma conotação burocrática e legal, sendo reduzido a um conjunto de dados fixos e objetivos, como nome, data de nascimento e filiação. Esses elementos visam definir quem somos de forma oficial e administrativa, garantindo nossa identificação perante o Estado e a sociedade. Contudo, essa definição formal é limitada e não captura a complexidade de que realmente somos. A identidade, enquanto construção social e subjetiva, vai além dos registros legais, incorporando aspectos culturais, históricos e emocionais que moldam nossa percepção de nós mesmos e de como somos percebidos pelos outros. Assim, enquanto o RG nos classifica dentro de categorias rígidas e imutáveis, nossa identidade verdadeira é fluida, dinâmica e constantemente renegociada ao longo da vida, refletindo nossas experiências, escolhas e pertencimentos diversos.

Outro exemplo surge nas redes sociais, onde constantemente construímos e moldamos nossa identidade online. Cada postagem, cada comentário e cada interação ajudam a formar uma imagem de quem somos, ou de quem desejamos ser, para os outros. Essa "identidade digital" pode refletir, distorcer ou até contradizer nossa identidade no mundo físico, revelando como o conceito se torna multifacetado no ambiente virtual.

Além disso, em discussões sobre diversidade cultural, o termo "identidade" é frequentemente utilizado para enfatizar as características únicas de um grupo, como a

identidade afro-brasileira ou a identidade indígena, em que práticas, crenças e a própria linguagem são elementos essenciais que compõem esse senso de pertencimento e distinção.

Esses exemplos mostram como a ideia de identidade permeia nosso cotidiano, aparecendo em discussões profundas sobre quem somos como indivíduos e como sociedade. Ela não é apenas uma palavra, mas um conceito que carrega consigo uma série de significados, que podem variar conforme o contexto em que é utilizada, e que, ao mesmo tempo, influencia e é influenciado por nossas vivências e relações.

A identidade, que também é um conceito central na psicologia, refere-se à percepção que o indivíduo tem de si mesmo e à maneira como se posiciona no mundo, sendo moldada tanto por fatores internos quanto externos. A construção da identidade envolve aspectos pessoais, sociais e culturais, e é vista como um processo dinâmico e contínuo ao longo da vida. Costa, destaca a importância das relações sociais na formação da identidade, argumentando que "a identidade se constitui na interseção entre a subjetividade individual e as práticas sociais, culturais e históricas nas quais o sujeito está inserido" (COSTA, 1995, p. 43). Para Costa, a identidade não é um dado fixo, mas uma construção que se dá no diálogo entre o indivíduo e o seu contexto social. Nesse sentido, Safra, enfatiza a dimensão ética da identidade, explorando como o indivíduo busca coerência e integridade ao longo de sua vida. Safra argumenta que "a identidade é uma narrativa em construção, na qual o sujeito procura articular suas experiências e escolhas de maneira que faça sentido e lhe permita viver de forma autêntica" (SAFRA, 2004, p. 78). Ainda sobre as diferentes perspectivas sociais acerca da identidade, Jodelet, embora focada na psicologia social, também é relevante ao discutir a identidade como um fenômeno que envolve a internalização de representações sociais. Para Jodelet, "as representações sociais desempenham um papel crucial na formação da identidade, pois elas fornecem os significados e as categorias através das quais o indivíduo compreende a si mesmo e ao mundo" (JODELET, 2001, p. 102).

Hall um dos fundadores dos estudos culturais traz em sua obra a identidade como uma construção complexa que desafia concepções fixas e essencialistas. Hall argumenta que a identidade não é algo estático ou imutável, mas sim um processo dinâmico de construção social e cultural. Em suas palavras, "a identidade é uma produção contínua, um processo de construção e reconstrução" (Hall, 1990, p. 225).

Hall rejeita a visão de identidade como algo intrinsecamente dado e imutável. Em vez disso, ele propõe que a identidade é moldada por uma série de fatores sociais e históricos. Ela emerge das interações sociais e das relações culturais, sendo constantemente negociada e

reformulada. Para Hall, a identidade é um "campo de diferenças" onde se cruzam diversas influências e experiências, e não um núcleo fixo e homogêneo (Hall, 1990, p. 226).

Além disso, Hall destaca que a identidade é também um produto da narrativa cultural. A maneira como nos percebemos e como somos percebidos pelos outros está intrinsecamente ligada às histórias e representações que circulam na sociedade. Em seu trabalho, ele sublinha a importância de entender a identidade como um processo contínuo de "construção de significado" que reflete as complexidades e contradições da experiência social (Hall, 1996, p. 5).

Portanto, para Stuart Hall, a identidade é um conceito fluido e multifacetado, que se constrói e se reconstrói ao longo do tempo, influenciado por uma ampla gama de fatores culturais, sociais e históricos. Esse entendimento desafia visões essencialistas e nos convida a considerar a identidade como um campo de práticas sociais em constante transformação.

Essas diferentes abordagens, ainda que breves, seja na linguística, psicologia ou sociologia, apontam que a identidade é um conceito complexo e multifacetado. Na linguística, como vimos nos parágrafos acima, a identidade é frequentemente analisada através das práticas linguísticas e discursivas que os indivíduos utilizam para se posicionar no mundo. Essas práticas não apenas refletem, mas também constroem identidades sociais, culturais e individuais. Por exemplo, a escolha de determinadas marcas linguísticas ou o uso de gírias pode sinalizar pertencimento a um grupo específico, seja ele geracional, regional ou social.

Na psicologia, a identidade é vista como um processo contínuo de desenvolvimento ao longo da vida, influenciado por fatores internos, como a autopercepção e a autoestima, e externos, como as interações sociais e as expectativas culturais.

Já na sociologia, a identidade é entendida como uma construção social, que emerge das interações entre o indivíduo e o coletivo. Autores como Goffman, Bourdieu e Stuart Hall sugerem que a identidade é performativa, relacional e historicamente situada, sendo continuamente negociada e redefinida nas interações sociais. Stuart Hall, em particular, contribuiu com a ideia de que a identidade não é uma essência fixa ou estável, mas sim um "processo em construção". Para Hall, a identidade é formada na e através da diferença, ou seja, ela se constitui em relação ao outro, às diferenças culturais e às influências externas que moldam as subjetividades. Ele destaca que as identidades são múltiplas e fragmentadas, atravessadas por questões de raça, classe, gênero e etnicidade, e que estão sempre em fluxo, sendo constantemente reinterpretadas e redefinidas ao longo do tempo. Assim, a identidade não é algo que se possui, mas algo que se cria e recria em resposta às mudanças contextuais e históricas, refletindo as dinâmicas de poder e os discursos predominantes na sociedade.

Essas três disciplinas convergem na ideia de que a identidade não é fixa, mas sim dinâmica e contextual. Ela é moldada pela linguagem, pelas experiências pessoais e pelas relações sociais, refletindo tanto a singularidade do indivíduo quanto a sua inserção em comunidades maiores. No contexto das favelas, por exemplo, a identidade linguística pode ser uma forma de resistência e afirmação de pertencimento, desafiando estigmas e reivindicando um espaço legítimo na sociedade.

Aprofundando essa reflexão, é possível considerar que a identidade linguística nas favelas não é apenas uma questão de escolha de palavras ou de sotaque, mas também pode ser percebida como um ato político e cultural. As práticas linguísticas podem ser vistas como ferramentas de agência, onde os moradores das favelas constroem e expressam suas identidades de maneira autônoma e, muitas vezes, em oposição às normas hegemônicas. Esse processo reflete a complexa interseção entre poder, linguagem e identidade, mostrando como as palavras e os discursos podem ser usados para subverter narrativas dominantes e afirmar uma identidade coletiva que é, ao mesmo tempo, diversa e coesa.

Nesse sentido, a identidade favelada se torna uma forma de pertencimento que transcende as barreiras físicas e sociais, criando uma comunidade simbólica onde a linguagem desempenha um papel central. Através da língua, os indivíduos não só se conectam uns com os outros, mas também afirmam sua presença e importância dentro da sociedade mais ampla, reivindicando respeito e reconhecimento.

3 O ESTADO DA ARTE E A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Podemos pensar no processo de construção do conhecimento acadêmico analogamente à montagem de um quebra-cabeça. Cada peça desse quebra-cabeça representa um conceito ou uma descoberta científica, cuja integração requer uma abordagem sistemática e coerente. Ao conectar essas peças de forma organizada, utilizamos as inter-relações entre elas para formar uma imagem. Assim como no quebra-cabeça, onde cada peça se encaixa de maneira única, cada componente do conhecimento contribui de forma significativa para a compreensão profunda e holística de um campo de estudo específico. Da mesma forma, o conhecimento científico é um quebra-cabeça contínuo, no qual as contribuições do passado alimentam e enriquecem as investigações atuais, promovendo um desenvolvimento contínuo e evolutivo do saber acadêmico. À medida que avançam, os pesquisadores podem revisar e ajustar suas interpretações, assim como as conexões entre as peças, à luz de novas descobertas ou interpretações.

Durante a graduação em Pedagogia, especialmente em uma das disciplinas que precederam a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), fui apresentado pela primeira vez ao conceito de “rigor científico”. Nas aulas dessa disciplina, o professor incentivava a buscar fontes confiáveis, a analisar criticamente cada argumento e a fundamentar as ideias de maneira sólida, embasando-as em evidências. Essas orientações me acompanharam por toda a trajetória acadêmica no curso de Pedagogia e posteriormente no curso de Letras; além disso continuaram a guiar minhas práticas e reflexões além da universidade. Esse compromisso com o rigor científico tornou-se um alicerce fundamental em minha formação, moldando meu pensamento.

Compreendi naquela época e ao longo dos anos com o aprofundamento dos estudos, sobretudo agora no mestrado, que esse rigor científico é um conjunto de princípios e práticas que garantem a validade, a confiabilidade e a objetividade dos resultados de uma pesquisa. Trata-se da adesão estrita a metodologias qualificadas e da utilização de evidências verificáveis, aplicando cuidadosamente métodos e técnicas que minimizam erros para assegurar que as conclusões sejam confiáveis e precisas.

No Guia de Recomendações de Práticas Responsáveis da Academia Brasileira de Ciências (2013), são destacados alguns itens importantes para a elaboração de uma pesquisa científica que estão intimamente ligados ao rigor científico. Destacaremos a seguir os seguintes

itens que constam no documento da Academia: a validação, a confiabilidade e a objetividade. Esses conceitos auxiliam nossa pesquisa, que é predominantemente bibliográfica.

A validade refere-se à precisão com que um estudo mede o que se propõe a medir. Por exemplo, se um estudo pretende avaliar o impacto de um novo método de ensino na aprendizagem dos alunos, é fundamental que ele assegure que está de fato medindo a aprendizagem e não outros fatores, como a motivação ou as habilidades prévias dos estudantes.

Outro princípio importante é a confiabilidade, que se refere à consistência dos resultados ao longo do tempo e em diferentes condições. Um teste padronizado que avalia habilidades de leitura deve produzir resultados semelhantes quando aplicado a grupos semelhantes em momentos distintos, por exemplo.

A objetividade é crucial para eliminar tendências pessoais e subjetividades na condução da pesquisa e na interpretação dos dados. Um pesquisador deve utilizar instrumentos de medição e procedimentos que sejam independentes de suas opiniões ou expectativas pessoais.

Dessa forma, em nossa pesquisa, que é exclusivamente bibliográfica e tem como objetivo investigar as marcas linguístico-discursivas como afirmação de uma identidade favelada, é fundamental assegurar a validade, a confiabilidade, a objetividade, a reprodutibilidade e a transparência dos processos de pesquisa. Nesse contexto, nossa investigação refere-se à precisão com que o estudo abrange e interpreta os trabalhos existentes sobre identidade linguística e identidade favelada no Rio de Janeiro. Serão selecionadas fontes que realmente abordem as questões específicas da linguagem e da identidade nas favelas, evitando a inclusão de estudos que, embora relevantes em outros contextos, não contribuam diretamente para os objetivos dessa pesquisa.

Como mencionamos no início deste capítulo, ao fazer uma analogia entre a construção do conhecimento e a montagem de um quebra-cabeça, cada peça representa atributos inerentes a essa construção do conhecimento. Uma das peças fundamentais desse quebra-cabeça é o rigor científico. Assim como em um quebra-cabeça complexo, onde cada peça representa um conceito ou uma descoberta científica, o rigor científico atua como a base estrutural que sustenta a organização e a coerência do conhecimento acadêmico. O rigor científico garante que as conexões entre as peças sejam precisas e confiáveis, resultando em uma imagem clara e fundamentada de nosso campo de estudo.

A construção do conhecimento em qualquer área do saber representa uma tarefa complexa que demanda a aplicação de uma ou mais metodologias e abordagens para garantir a validade dos resultados obtidos. Este capítulo visa estabelecer um diálogo aprofundado entre três metodologias: a abordagem comparativa, o Estado da Arte, e a pesquisa bibliográfica e

documental, cada qual desempenhando papéis distintos, porém interligados, na estruturação e na análise dos dados que sustentam nossa investigação.

Ao integrar essas metodologias de maneira integrada e reflexiva, esperamos não apenas contribuir para o conhecimento acadêmico sobre identidade linguística e pertencimento favelado, mas também oferecer um trabalho relevante e significativo para políticas públicas e práticas sociais que promovam a inclusão e a valorização das comunidades faveladas. Essa abordagem metodológica não apenas fortalece a fundamentação científica de nossa pesquisa, mas também reafirma nosso compromisso com uma investigação rigorosa e eticamente informada, capaz de gerar impactos positivos em contextos sociais vulneráveis.

Este capítulo, portanto, não se limitará a uma mera exposição das técnicas metodológicas utilizadas, mas buscará fornecer uma análise crítica e reflexiva sobre suas implicações teóricas e práticas. Ao fazê-lo, aspiramos não apenas a contribuir para o conhecimento acadêmico, mas também a promover um diálogo interdisciplinar. Nos parágrafos seguintes, exploraremos cada uma dessas metodologias e suas implicações preliminares em nossa pesquisa.

Como o nome já sugere, a pesquisa comparativa é uma metodologia de investigação científica que requer dois ou mais objetos de estudos para comparar suas características, resultados e processos. A principal finalidade da pesquisa comparativa é compreender como e por que os fenômenos variam em contextos diferentes, conforme aponta Minayo, (2010). Essa abordagem permite identificar padrões, relações causais e fatores que influenciam os resultados dos casos em observação. Para Schneider e Schmitt (1998):

[...] a impossibilidade de aplicar o método experimental às ciências sociais, reproduzindo, em nível de laboratório, os fenômenos estudados, faz com que a comparação se torne um requisito fundamental em termos de objetividade científica. É ela que nos permite romper com a singularidade dos eventos, formulando leis capazes de explicar o social. Nesse sentido, a comparação aparece como sendo inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais, esteja ela direcionada para a compreensão de um evento singular ou voltada para o estudo de uma série de casos previamente escolhidos. (Schneider e Schmitt, 1998, p. 49).

A seleção de casos é um passo crucial na pesquisa comparativa, pois determina quais estudos serão utilizados para examinar aspectos específicos. Quais trabalhos serão selecionados na análise em detrimento de outros? Como forma de identificação, os casos podem ser escolhidos com base em critérios como semelhanças contextuais, permitindo comparações que revelam como diferentes contextos influenciam a manifestação da identidade linguística.

O objetivo da comparação pode variar desde a identificação de padrões comuns na representação linguística de identidade até a formulação de hipóteses sobre como certas estruturas linguísticas refletem e moldam identidades individuais e coletivas. Além disso, a pesquisa pode avaliar a aplicabilidade de teorias linguísticas em diferentes contextos sociais e culturais, ajudando a esclarecer como a linguagem é utilizada como um marcador de identidade em diferentes comunidades linguísticas.

Schneider e Schmitt (1998), em seu estudo, destacam as diferentes formas de pesquisa comparativa na visão dos sociólogos clássicos Auguste Comte, Émile Durkheim e Max Weber. Neste texto, não nos aprofundaremos nas abordagens metodológicas desses pensadores, mas apenas as indicaremos. Com base na leitura da obra de Schneider e Schmitt, elaboramos a planilha a seguir destacando aspectos fundamentais preconizados por Auguste, Comte, Émile Durkheim e Max Weber na metodologia comparativa:

Quadro 3 - Aspectos Metodológicos e Perspectivas por autor

Aspecto	Auguste Comte	Émile Durkheim	Max Weber
Perspectiva	Positivismo	Funcionalismo	Compreensiva e Interpretativa
Método Comparativo	Estudo da evolução das sociedades através de estágios distintos (teológico, metafísico, positivo)	Identificação de regularidades e diferenças entre sociedades	Entendimento da diversidade cultural e histórica das sociedades
Objetivo	Demonstrar a linearidade e progressão da sociedade humana	Explicar a função de diferentes instituições e práticas sociais e sua contribuição para a ordem social	Compreender o significado subjetivo das ações sociais e suas organizações em diferentes contextos
Métodos	Análise histórica e linear das sociedades	Comparação de instituições sociais e suas funções	Uso de tipos ideais para comparar fenômenos sociais em diferentes contextos culturais

Exemplo de Estudo	Estágios do desenvolvimento humano	Estudo sobre o suicídio e suas causas sociais	Análise da ética protestante e o espírito do capitalismo
--------------------------	------------------------------------	---	--

Fonte: O autor, 2024.

Com base nas contribuições dos autores clássicos, nosso estudo pode integrar várias abordagens e métodos, mesmo que eles não tenham abordado diretamente a linguagem favelada ou a identidade linguística.

1. **Auguste Comte:** Embora Comte não tenha abordado diretamente a identidade linguística favelada, seu método comparativo pode ser útil para traçar a evolução e as mudanças na linguagem ao longo do tempo, comparando-a com outras formas linguísticas em diferentes contextos sociais.
2. **Émile Durkheim:** é possível examinar como a linguagem nas favelas funciona como um mecanismo de coesão social e identidade cultural compartilhada entre os residentes, comparando-as com outras regiões.
3. **Max Weber:** Weber, com sua abordagem compreensiva e foco em tipos ideais, poderia ajudar a desenvolver uma compreensão mais profunda das características distintas da linguagem favelada, considerando suas motivações sociais e culturais.

Nas próximas linhas desse capítulo, nos dedicaremos a uma breve introdução ao conceito de "estado da arte", como forma de produção de conhecimento. O termo "estado da arte" se refere a uma abordagem fundamental para entender o que já se sabe sobre um determinado tema. Isso envolve revisar e analisar as publicações mais recentes e importantes em uma área específica. O objetivo é mapear o que já foi pesquisado e descoberto, identificar lacunas no conhecimento e orientar futuras investigações. Essa pesquisa visa oferecer uma visão ampla e crítica sobre os avanços na área, destacar as principais tendências e desafios, e sugerir direções para estudos futuros.

Para destacar nosso conhecimento acerca desse conceito, ilustraremos a seguir uma situação análoga ao "Estado da arte". Imagine um viajante planejando uma viagem para uma cidade que nunca visitou antes. Antes de ir, ele se dedica a uma pesquisa detalhada: visualiza

as avaliações no Google, consulta redes sociais, blogs e sites de turismo, verifica avaliações de outros viajantes, assiste a vídeos e conversa com amigos que já estiveram lá. O objetivo é compreender o que a cidade oferece, identificar os melhores lugares para visitar, escolher onde comer, saber quais atrações evitar e até descobrir algum lugar escondido que não aparece nos guias mais comuns. Essa preparação pode demandar horas de leitura e investigação, mas, ao final, trará uma ideia clara do que esperar, podendo planejar uma viagem mais segura e divertida.

Essa preparação é análoga ao que se realiza em uma pesquisa de estado da arte. Assim como são reunidas todas as informações disponíveis sobre a cidade, a pesquisa de estado da arte envolve a revisão e análise das publicações mais recentes e relevantes sobre um determinado tema. O objetivo é mapear o que já foi estudado, identificar o que ainda não foi explorado e direcionar futuras pesquisas. Trata-se de construir um guia completo do conhecimento disponível em uma área específica, destacando as melhores práticas, as descobertas mais importantes e os pontos que ainda precisam ser investigados.

Retornando ao exemplo da viagem, suponha-se que, ao ler diversos relatos, um certo restaurante é muito elogiado pela qualidade de sua comida, mas também são encontradas algumas críticas quanto ao atendimento lento. Com base nisso, decide-se que vale a pena visitar o restaurante, mas já preparado para possíveis atrasos no serviço. Além disso, descobre-se um parque pouco conhecido que parece ser um ótimo lugar para relaxar. Essas descobertas enriquecem o plano de viagem e preparam melhor para a experiência.

Analogamente, na pesquisa de estado da arte, ao identificar tanto os avanços quanto as lacunas no conhecimento, podemos planejar melhor nossas investigações futuras. Identificamos quais áreas já foram bem exploradas e onde ainda há perguntas sem resposta. Essa abordagem nos permite evitar a duplicação de esforços, focar em aspectos realmente novos e promissores e contribuir de maneira mais eficaz para o avanço do conhecimento.

Além disso, a pesquisa de estado da arte nos auxilia a compreender as principais tendências e desafios da área. Por exemplo, podemos descobrir que uma certa teoria ou metodologia está ganhando popularidade, ou que há um consenso emergente sobre um tópico específico. Por outro lado, também podemos identificar controvérsias e debates ainda em aberto, o que pode ser uma oportunidade para desenvolver novas hipóteses e estudos.

Segundo Gil (2019, p. 85), a pesquisa de estado da arte "permite ao pesquisador ter uma visão clara do desenvolvimento e das lacunas do conhecimento na área estudada, além de fornecer subsídios para a formulação de novas hipóteses e direções de pesquisa". Assim como a pesquisa detalhada sobre a viagem ajuda a planejar um roteiro mais interessante e evita

surpresas desagradáveis, a pesquisa de estado da arte oferece uma visão abrangente e crítica do progresso em uma área, destacando as principais tendências e desafios e sugerindo novas direções para estudos futuros.

Portanto, seja no planejamento de uma viagem ou na condução de uma pesquisa científica, a preparação e a coleta detalhada de informações são essenciais para alcançar os melhores resultados.

Hart (1998) destaca que a pesquisa de estado da arte é crucial para a construção de um conhecimento sólido, pois permite ao pesquisador situar seu trabalho no contexto das pesquisas já realizadas e identificar as lacunas que precisam ser preenchidas. A metodologia para realizar uma pesquisa de estado da arte inclui a definição clara do tema de pesquisa, a seleção criteriosa das fontes de informação (como artigos científicos, livros, teses e dissertações), a análise crítica dos estudos selecionados e a síntese dos achados. Pesquisa de estado da arte pode focar em temas como desigualdade social, migração ou políticas públicas, buscando entender as contribuições mais recentes e os debates em andamento. Segundo Ferreira (2020), "a pesquisa de estado da arte permite uma compreensão aprofundada das tendências atuais e das lacunas no conhecimento, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de novas investigações" (p. 45).

Dado o caráter exclusivamente bibliográfico deste estudo, como abordamos na metodologia, a busca por referências será realizada através do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Este repositório confiável servirá para localizar as obras que serão analisadas, seguindo as palavras-chave descritas na sessão anterior desta dissertação.

Segundo Evaristo (2001) O Catálogo de Teses e Dissertações da Capes é uma ferramenta valiosa para pesquisadores, pois oferece um vasto acervo de produções acadêmicas de alta qualidade, provenientes de diversas instituições de ensino superior do Brasil. Este repositório permite o acesso a uma gama abrangente de estudos já realizados, facilitando a identificação de trabalhos que possuam relação direta com o tema desta dissertação.

A utilização do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes garante que as referências obtidas sejam atuais e estejam alinhadas com os padrões acadêmicos rigorosos. Além disso, a busca sistemática e criteriosa dentro deste repositório assegura que todas as perspectivas pertinentes sejam consideradas, contribuindo para a robustez e profundidade da pesquisa.

A importância de um repositório bem estruturado, como o da Capes, é destacada por Evaristo (2001), que argumenta que a organização metódica das fontes bibliográficas não apenas otimiza o processo de pesquisa, mas também contribui significativamente para a credibilidade do estudo. Segundo ele: "Um repositório bibliográfico bem elaborado é

fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa consistente, pois permite que o pesquisador tenha uma visão abrangente e detalhada do campo estudado, garantindo que todas as perspectivas sejam consideradas".

Portanto, a busca e utilização do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes é um passo crucial para o sucesso desta dissertação, assegurando que o trabalho seja sustentado por uma base sólida de referências bibliográficas de alta qualidade.

Assim, Romanowsky e Ens (2006, p. 38-39) dizem:

O interesse por pesquisas que abordam “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros. A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais.

A relevância de um catálogo de pesquisa reside tanto em evidenciar o que já foi explorado quanto em destacar o que ainda permanece inexplorado. A ausência de dados de pesquisa é, por si só, reveladora, pois aponta para características, problemas, possibilidades e tendências que merecem atenção. Ao examinar o catálogo, podemos perceber que determinadas áreas ainda carecem de estudos aprofundados. Por exemplo, ao procurar no catálogo, podemos descobrir a ausência de pesquisas que investiguem como a linguagem é utilizada como um marcador de identidade favelada. Essa lacuna não apenas identifica um campo aberto para futuras pesquisas, mas também sublinha a oportunidade de mais pesquisas nessa área.

Ao inaugurarmos este capítulo, discutimos os tipos de pesquisas que seriam abordados em nosso trabalho, sendo a pesquisa bibliográfica e documental uma delas. Para a elaboração do estado da arte, essas modalidades de pesquisa são essenciais. Em outras palavras, sem uma revisão bibliográfica adequada, não é possível construir o estado da arte sobre um tema específico. Nesse sentido, para o estado da arte, a primeira fase do mapeamento consiste no levantamento bibliográfico, cujo objetivo é reunir todas as referências encontradas sobre o tema. Essas referências podem estar em diversos formatos, mas que em nosso caso, estarão em formato de artigos, dissertações e teses, mas existem outros como livros, revistas, sites, vídeos. Esses documentos contribuem para um primeiro contato com objeto de estudo. nesta etapa, não é necessário estabelecer critérios específicos para a seleção das fontes. Em contrapartida, nos estudos chamados "revisão de literatura" ou "revisão bibliográfica", há uma clara intenção de contribuir para as discussões de um campo temático específico, seja pela contextualização dos temas tratados, seja pelo tipo de abordagem teórica ou metodológica adotada nas pesquisas (VOSGERAU E ROMANOWSKI, 2014, p. 170).

Autores brasileiros como (HADDAD, 2002; ROMANOWSKI, 2006; MARTINS, 2011) destacam a relevância desses estudos que, além de realizar levantamentos das produções, buscam compreender o conhecimento elaborado, acumulado e sistematizado sobre um tema específico. De acordo com Romanowski e Ens (2006, p. 39), os estudos do tipo Estado da Arte representam uma contribuição significativa para o embasamento teórico de uma determinada área de conhecimento, pois:

[...] procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de soluções para os problemas de prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI, 2006, p.39).

A pesquisa bibliográfica e documental é uma abordagem fundamental para a construção de um conhecimento, esse tipo de pesquisa proporciona ao pesquisador situar seu estudo no contexto das pesquisas já realizadas na medida que é possível identificar fontes primárias e secundárias que fundamentam o trabalho. Segundo Gil (2017), na pesquisa bibliográfica, o acesso ao acervo de conhecimento previamente produzido pela humanidade capacita o pesquisador a estabelecer uma fundamentação teórica sólida, construir um arcabouço conceitual robusto e validar suas descobertas à luz do conhecimento já consolidado. Assim, a utilização de fontes bibliográficas e documentais não apenas enriquece o embasamento teórico do estudo, mas também possibilita uma contextualização adequada das contribuições da pesquisa dentro do campo científico.

A pesquisa bibliográfica consiste na revisão de literatura existente sobre um determinado tema, enquanto a pesquisa documental envolve a análise de documentos originais que não foram produzidos necessariamente com fins científicos, por exemplo, mas que podem fornecer dados relevantes para a investigação. O objetivo é coletar, analisar e interpretar informações de diversas fontes para embasar teoricamente um determinado estudo.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica é essencial para identificar o que já foi pesquisado sobre um determinado tema e para evitar a duplicação de esforços. A metodologia da pesquisa bibliográfica e documental envolve a definição do tema e dos objetivos da pesquisa, a seleção das fontes bibliográficas e documentais, a leitura crítica e a análise dos textos, e a síntese das informações coletadas. No caso da pesquisa bibliográfica, a seleção das fontes pode incluir artigos científicos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações e relatórios técnicos. Segundo Vergara (2000), a pesquisa bibliográfica é crucial

para o desenvolvimento de teorias e modelos que podem ser testados empiricamente, contribuindo para o avanço do conhecimento na área. Já a pesquisa documental pode envolver a análise de documentos oficiais, legislação, atas de reuniões, correspondências, entre outros.

A pesquisa bibliográfica pode ser comparada ao ato de construir uma casa. Assim como um arquiteto inicia seu projeto consultando diferentes fontes e referências para criar uma planta sólida e funcional, o pesquisador utiliza a pesquisa bibliográfica para estruturar os alicerces teóricos de seu trabalho acadêmico.

Inicialmente, como um arquiteto que estuda projetos anteriores e tendências atuais na arquitetura, o pesquisador revisa uma vasta gama de literatura acadêmica. Segundo Gil (2002), essa etapa é crucial para situar o estudo dentro do contexto histórico e teórico adequado, identificando não apenas as principais ideias já exploradas, mas também as lacunas e áreas ainda pouco exploradas no campo de estudo escolhido.

Assim como um arquiteto precisa escolher os materiais adequados e as técnicas construtivas mais eficazes para cada parte da casa, o pesquisador seleciona cuidadosamente os textos e autores que melhor contribuem para sua investigação. Conforme sugere Demo (2001), essa seleção não se restringe apenas à quantidade de fontes consultadas, mas também à qualidade da análise crítica e interpretação dos dados obtidos.

Além disso, à medida que o arquiteto planeja os diferentes cômodos e funcionalidades da casa, o pesquisador organiza os conceitos teóricos e metodológicos encontrados na literatura para construir um arcabouço coeso que sustente sua argumentação. Segundo Silva e Menezes (2001), essa construção teórica não apenas fundamenta o estudo, mas também contribui para a reflexão crítica e o desenvolvimento do conhecimento na área de pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é apenas uma coleta de informações, mas um processo de construção intelectual que guia o pesquisador na estruturação e no desenvolvimento de seu trabalho acadêmico. Como um arquiteto que utiliza seus conhecimentos e referências para criar uma casa que seja funcional e esteticamente agradável, o pesquisador utiliza a pesquisa bibliográfica para edificar um estudo sólido e significativo, contribuindo assim para o avanço do conhecimento em sua área de atuação.

Ao longo deste capítulo, exploramos como essas metodologias se complementam e se inter-relacionam, formando um arcabouço teórico e metodológico robusto para nossa investigação. A partir dessa integração, buscamos não apenas contribuir para o conhecimento acadêmico sobre identidade linguística e pertencimento favelado, mas também oferecer subsídios relevantes para comunidade acadêmica e para políticas públicas e práticas sociais que promovam a inclusão e valorização das comunidades faveladas.

A abordagem comparativa permite identificar padrões e singularidades nas manifestações da identidade linguística favelada, enriquecendo nossa compreensão do fenômeno. O estado da arte oferece uma visão crítica e abrangente do progresso na área, destacando as principais contribuições e lacunas na pesquisa. A pesquisa bibliográfica e documental proporciona uma base teórica sólida e uma contextualização adequada, fundamental para o desenvolvimento de teorias e modelos que possam ser testados empiricamente.

Ao integrar essas metodologias, reiteramos nosso compromisso com uma investigação rigorosa, com a intenção de promover impactos positivos em contextos sociais vulneráveis. Esperamos que este trabalho não apenas contribua para o conhecimento acadêmico, mas também promova um diálogo interdisciplinar e informe práticas sociais e políticas públicas que valorizem e incluam as comunidades, favelas e periferias.

4 SELEÇÃO DOS DADOS A SEREM ANALISADOS

Como detalhado na metodologia desta dissertação, escolhemos três palavras-chave para o nosso intento: identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico.

Para a análise dos dados, inicialmente, os resultados obtidos em cada uma das buscas serão organizados em tópicos separados; ou seja, as palavras-chave: identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico, terão um tópico separado e organizado. A distribuição dos tópicos seguirá a seguinte estrutura: (i) uma breve explanação da palavra-chave usada e a justificativa para sua escolha; (ii) uma tabela com as temáticas de agrupamento dos trabalhos retornados pelo catálogo; (iii) uma síntese dos trabalhos identificados durante o percurso metodológico que não serão avaliados; (iv) uma tabela com a justificativa de exclusão dos trabalhos presentes em (iii); e (v) breve resumo dos trabalhos selecionados para análise posterior.

Considerando que a abordagem metodológica adotada nesta dissertação é um estado da arte (ANDRÉ, MARLI; ROMANOWSKI, JOANA P. 1999. MESSINA 1998. PALANCH 2015. POPE, CATHERINE; MAYS 2005) o foco está em revisar e sintetizar as pesquisas existentes que tratam dessas palavras-chave. Elas foram selecionadas não apenas pela sua relevância teórica, mas também porque se entende que capturam com melhor precisão as principais preocupações e temas abordados nas investigações sobre a linguagem nas favelas.

A escolha pelo Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES se justifica por ser uma base de dados que reúne informações sobre os trabalhos acadêmicos de pós-graduação defendidos no Brasil. Este catálogo promove a divulgação das teses e dissertações produzidas nos programas de mestrado e doutorado do país, facilitando a disseminação do conhecimento científico. Nele, é possível encontrar informações bibliográficas, como título, autor, orientador, instituição de ensino, data de defesa e resumo dos trabalhos. Além disso, muitos desses textos estão disponíveis completos em formato PDF. A plataforma oferece uma busca avançada, permitindo pesquisas por área do conhecimento, palavras-chave, nome do autor ou título, além da área de avaliação. Na sequência, vamos discutir as palavras conforme indicado anteriormente como nosso passo (i).

4.1 Identidade linguística

Uma das metas deste trabalho é identificar estudos que abordem a língua como marcador de identidade. Para isso, é essencial compreender que, dentro dos pressupostos da sociolinguística, a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”. Esse conceito refere-se à variação linguística que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais dentro de uma comunidade, constituindo-se como parte integrante da competência linguística dos indivíduos, que abrange o domínio de estruturas heterogêneas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 101). Nesse sentido, adotamos a palavra-chave “identidade linguística”, que se refere à maneira como os indivíduos utilizam a língua para construir e expressar sua identidade social e cultural.

A identidade linguística não é apenas uma questão de como falamos, mas também de como usamos a língua para sinalizar pertencimento a grupos específicos, negociar status social e afirmar a nossa posição dentro de um contexto cultural e histórico, por exemplo. A análise da identidade linguística envolve a compreensão das práticas linguísticas que são características de determinados grupos e como essas práticas são percebidas por outros.

Portanto, ao explorar a relação entre língua e identidade, buscamos identificar como as variações linguísticas são usadas para afirmar identidades pessoais e coletivas e como essas identidades são construídas e mantidas ao longo do tempo. Isso implica investigar não apenas as formas linguísticas em si, mas também os significados e as funções que elas desempenham nas interações sociais e na construção da identidade dos indivíduos e dos grupos a que pertencem.

A partir dessa escolha, ao inserir a palavra-chave “*identidade linguística*” no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, entre aspas, devido à consolidação do termo na literatura acadêmica, foram retornados 108 trabalhos. No entanto, considerando que este estudo foca em pesquisas realizadas nos últimos dez anos (2013 – 2023) e em produções acadêmicas avaliadas nas áreas de Letras e Linguística, foram aplicados os filtros correspondentes. Esse refinamento foi necessário para garantir que os estudos analisados estivessem em conformidade com os critérios metodológicos e temporais estabelecidos na dissertação. Dessa forma, foram obtidos 40 trabalhos⁷⁸, que foram agrupados da seguinte maneira:

⁷ Anexo A.

⁸ Pesquisa realizada no dia 11 de agosto de 2024 às 10h07.

Tabela 1 – Pesquisa sobre identidade linguística

Temáticas de agrupamento dos trabalhos da pesquisa por “Identidade Linguística”	
Estudos discursivos, identidades e representações de língua estrangeiras	17
Estudos a partir de países africanos	4
Formação de professores e prática docente	4
Estudos a partir da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	2
Estudos literários	5
Estudos de língua indígena	2
Historiografia Linguística	6

Fonte: O autor, 2024.

A partir desse agrupamento, foram estabelecidos alguns critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos que serão analisados. Para tanto, foram analisados em primeiro momento os títulos, resumos e palavras-chave das dissertações e teses retornadas pelo catálogo.

Para que um trabalho fosse incluído na análise, ele deverá atender aos seguintes critérios: (i) o texto deveria abordar o conceito de identidade linguística de forma substancial, evitando a mera menção do termo de forma isolada; (ii) é imprescindível que o trabalho trate obrigatoriamente das relações entre língua e identidade no contexto da língua portuguesa, ou seja, trabalhos que versem sobre línguas estrangeiras ou o português em contextos indígena ou fora do Brasil não serão analisados; (iii) além desses, também não serão admitidos trabalhos que versem sobre a Língua de Sinais. Esses trabalhos foram desconsiderados por não se alinharem com a proposta desta dissertação, que visa aferir e analisar estudos focados em comunidades vulneráveis, marginalizadas e faveladas. A discussão sobre pertencimento, embora relevante, será considerada opcional na análise dos trabalhos que contenham a palavra-chave "identidade linguística".

Para uma melhor organização dos dados, propõe-se a seguinte divisão: os trabalhos não analisados serão classificados como Grupo A, enquanto aqueles que serão objeto de análise serão alocados no Grupo B.

Nas próximas linhas, discutiremos brevemente os trabalhos que não serão analisados, comentando-os a fim de justificar nossa exclusão. A relação com a numeração de cada trabalho está organizada de forma detalhada e pode ser consultada também no Anexo 1. Assim estabelecido, temos:

Genova (2020) investiga a presença e a manutenção do romanesco, uma variedade linguística romana, em filmes italianos contemporâneos, focando nos aspectos identitários. Analisa a evolução das variedades linguísticas no cinema italiano desde suas origens até hoje, com ênfase no romanesco. A pesquisa, baseada nos estudos de Fabio Rossi, envolve a análise de doze filmes selecionados por seu uso do romanesco e ambientação romana. A tese sustenta que essa variedade linguística continua vital no cinema e em outras manifestações culturais italianas, corroborada por autores como Sergio Raffaelli e Pietro Trifone.

Por outro lado, o trabalho de Mesquita (2018) aborda a dificuldade dos professores de Língua Portuguesa em reverter problemas frequentes nas redações estudantis, especialmente em termos de articulação de conteúdo e uso de recursos linguísticos. A dissertação desenvolve uma metodologia didática aplicada a uma turma do 2º ano do Ensino Médio em Jacaré, SP, visando transformar os alunos em autoavaliadores de suas produções textuais. Para isso, foi elaborado um quadro de categorias de análise inspirado em Garcia e outros teóricos. A pesquisa demonstra que este método pode servir de paradigma para a avaliação de redações, promovendo uma aprendizagem reflexiva e contextualizada, com base em princípios freireanos.

De forma semelhante, Thomaz (2015) analisa a adaptação de textos literários para o audiovisual, focando nos contos de "A Vida Como Ela É...", de Nelson Rodrigues, publicados nos anos 50 e adaptados para a televisão nos anos 90. O estudo investiga a transição do texto escrito para o formato televisivo, explorando a função de Rodrigues como "adaptador" e a escolha da televisão como meio de adaptação nos anos 90, associada ao contexto político e econômico da globalização. A pesquisa utiliza uma metodologia teórico-prática para analisar as transformações entre as versões escritas e televisivas, propondo categorias de análise como criatividade receptiva e variabilidade de formatos.

Nesse sentido, Ciriaco (2015) analisa a identidade do povo moçambicano por meio de elementos culturais e linguísticos presentes na obra "Niketche: uma história de poligamia", de Paulina Chiziane. Ao examinar a história da colonização africana, o estudo revela que a identidade moçambicana está enraizada em tradições anteriores à colonização portuguesa, destacando o contato entre o português e as línguas bantu. A obra permite discutir aspectos culturais, como a poligamia e os rituais africanos, evidenciando a importância da interculturalidade na construção da identidade nacional de Moçambique.

Por sua vez, Fiamozzini (2015) analisa a percepção da identidade linguística entre estudantes de duas escolas de realidades distintas, um particular e outra pública, investigando o conhecimento do termo Lusofonia e a importância da língua portuguesa na construção de suas identidades. Baseado nos teóricos Bauman e Stuart Hall para discutir identidade na pós-

modernidade, o estudo utiliza obras de Brito e outros para explorar o conceito de identidade lusófona. Foi utilizado o documentário "Língua – Vidas em Português" como ponto de partida para discussões e questionários, propondo uma prática pedagógica para abordar a cultura afro-brasileira e as variedades do português no Ensino Médio.

Em contraste, Junior (2015) aborda o discurso identitário cultural brasileiro e lusófono em três perspectivas principais. Primeiro, destaca a influência determinante da cultura portuguesa, marcada pelo cruzamento com as culturas indígena e africana, e compara seu papel na formação do Brasil à "pedra angular" das Escrituras Cristãs. Em segundo lugar, utiliza o pensamento de Heidegger para explorar a transição do religioso para o secular no Brasil, especialmente entre os séculos XIX e XX. Por fim, analisa a secularização do discurso religioso e a transformação do Cristo Redentor em ícone cultural, representando a identidade brasileira como próspera e inclusiva.

Finalmente, Souza (2023) aborda a presença da língua portuguesa em países lusófonos, com foco na Guiné-Bissau. A dissertação busca entender como a identidade linguística guineense se manifesta em mídias externas, escritas em português e crioulo, analisando a interação dessas línguas com a cultura local. Baseando-se em Estudos Culturais e na história de Guiné-Bissau, o estudo examina a relação entre o português e o crioulo no cotidiano urbano do país, destacando a preservação das línguas autóctones.

Além disso, Santos (2018) estudou o comportamento linguístico de nove estudantes brasileiros da UFG que participaram do Programa de Licenciaturas Internacionais em universidades portuguesas entre 2012 e 2014. O objetivo foi entender como o contato entre as variedades de português do Brasil (PB) e de Portugal (PE) influenciou a (re)construção identitária desses estudantes. A pesquisa destacou as semelhanças e diferenças léxico-culturais entre as variedades e evidenciou que os conflitos gerados no contato linguístico estavam ligados a fatores históricos, culturais e à resistência dos portugueses em aceitar a variedade brasileira. A identidade linguística brasileira foi reafirmada mesmo diante dessas dificuldades, e a pesquisa sugere que as autoridades reconsiderem políticas educacionais para programas internacionais de formação.

Correa (2019) destaca que a Literatura Pop alemã da década de 1990 constitui um movimento de marca identitária não apenas literária, mas também linguística, pois documenta, por intermédio da língua coloquial, a implantação na Europa de uma ordem mundial neoliberal econômica introduzida com o advento da globalização. Essa língua coloquial, utilizada para a descrição do cotidiano deste momento histórico, marca a identidade de uma fase de reformulação de uma nova realidade social, na qual a globalização teve início como

consequência dos acontecimentos da queda do muro de Berlim, da dissolução do bloco comunista, do fim da Guerra Fria e da reunificação alemã. Correa apresenta algumas características analisadas nesta tese em três obras da Literatura Pop. Em “Faserland”, são analisados xingamentos com valor metafórico como marcas de oralidade, de acordo com a teoria dos atos de fala de John Searle. Em “Tristesse Royale”, é examinado o fenômeno linguístico da ironia como fala indireta comunicativa, conforme Park. Em “Generation Golf. Eine Inspektion”, é observada a presença da língua coloquial através da citação recorrente de marcas de produtos de consumo. Além disso, é analisada, nesta última obra, a incidência de anglicismos como marcadores de fronteira linguística permeável de acordo com Zinkhahn Rhobodes. Para considerar ainda a identidade linguística, são utilizados os estudos de Stuart Hall, com sua tese de identidade fragmentada do pós-modernismo, e de Lothar Krappmann, com sua concepção da identidade em equilíbrio (“Konzept der balancierenden Identität”).

Em contraste, Prado (2014) analisa o comportamento linguístico e cultural de nomes de estabelecimentos comerciais com elementos do inglês no contexto do Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE). O estudo aborda a identidade linguística do português e a identificação cultural, examinando nomes comerciais coletados em São Paulo (Brasil) e Lisboa (Portugal). Foram analisados processos fonológicos, como adaptações segmentais e epêntese, além de aspectos morfossintáticos e ortográficos. Observou-se que o uso de nomes em inglês visa atrair o público, mas também revela uma tensão entre afirmar e negar a identidade linguística do português.

Similarmente, Menezes (2022) analisa o uso de palavrões na obra "Feijão de Cego", de Vladimir Souza Carvalho, para entender como o autor monitorou essas expressões na construção das personas sociais. Comparando a versão manuscrita com a publicada, identificou-se uma redução de palavrões regionais e a substituição de termos mais ofensivos por outros menos estigmatizados. Os resultados sugerem uma construção de identidade sergipana interiorana, com um atenuamento das características locais na versão final da obra. O estudo é sociolinguístico, focando no estilo como construção social e na variação estilística das comunidades de prática.

Além disso, Silva (2019) analisa a mudança lexical na Libras, comparando sinais antigos de Goiás com os atuais. Baseado em obras de 1994 e 2006 de instituições referência no ensino de Libras, a pesquisa identificou que, dos 45 sinais analisados, 10 sofreram mudanças lexicais. Para os demais sinais, foram criadas seis novas categorias de alterações. A pesquisa, de natureza qualitativa, busca compreender as motivações por trás dessas mudanças, destacando a importância da iconicidade na criação lexical.

Por outro lado, Sachete (2014) investiga a identidade linguística na fronteira entre Uruguaiana e Paso de los Libres, onde identidades e interesses diversos coexistem em um contexto cultural particular. Através de entrevistas com comerciantes locais, busca-se compreender como as inter-relações nessa fronteira imaginária moldam uma cultura singular no mundo globalizado.

Ainda, Moraes (2017) explora a consciência linguística de Cícero, analisando como essas traduções contribuem para a identidade romana e refletem as atitudes linguísticas e a posição da filosofia na República Romana Tardia.

Por fim, Freitas (2016) analisa o pensamento gramatical de Santo Agostinho, focando no tratado *Ars pro fratrum mediocritate breuiata* e comparando-o às *Artes grammaticae* de Donato. O estudo explora como Agostinho integrou reflexões gramaticais em seus textos filosóficos, como *De magistro* e *De doctrina Christiana*, para preparar os cristãos na leitura bíblica. Conclui-se que, em sua obra, as artes liberais (gramática, dialética e retórica) não estavam dissociadas, mas formavam uma base para a divulgação da doutrina cristã, seguindo pressupostos da *Historiografia da Linguística*.

Além disso, Rocha (2015) analisa a *Ars grammatica* de Diomedes, focando nos elementos textuais e conceitos gramaticais que refletem o bilinguismo greco-latino da sociedade de Constantinopla, no fim do século IV d.C. A partir da contextualização histórica e sociolinguística, o estudo, inserido na *Historiografia Linguística*, investiga como a coexistência do grego e do latim se manifesta no texto gramatical, considerando a língua do leitor e a metalinguagem usada pelo autor.

Kialanda (2023) discute a importância de considerar o português como parte da identidade linguística e cultural dos angolanos, além de sua função como língua oficial. Analisando o português falado em Luanda, o estudo, baseado na *Sociolinguística Variacionista*, foca na variação pronominal, especialmente no uso de “nós” e “a gente”. Os resultados revelam que Angola exibe um padrão distinto em relação ao português brasileiro e europeu, com características próprias que indicam um afastamento da norma-padrão europeia ainda ensinada nas escolas.

Em um contexto semelhante, Ponso (2014) analisa as atitudes, práticas e identidades linguísticas de estudantes do curso de Letras em Maputo, Moçambique, sobre o status das línguas locais e do português. A pesquisa etnográfica de 2012 explora como os falantes plurilíngues percebem essas línguas em contextos como a mídia local, religião, comércio e educação bilíngue, considerando os impactos históricos da colonização e descolonização linguística. Utilizando a *Etnografia da Fala* e a *Sociolinguística Interacional*, a tese também

incorpora teorias pós-coloniais para discutir a construção de identidades linguísticas híbridas e propõe uma metodologia quali-quantitativa etnográfica para estudos linguísticos em contextos pós-coloniais.

Suhett (2020), por sua vez, examina a língua francesa como um componente crucial na construção da identidade linguístico-cultural do indivíduo magrebino no pós-colonialismo. O estudo questiona a relação entre normas e nações, propondo um novo paradigma onde as normas linguísticas não são mais vistas como exclusivas do colonizador francês. O objetivo é destacar a importância da função identitária da língua na sociolinguística e nas políticas linguísticas, explorando como a língua francesa contribui para a formação de uma identidade franco-magrebina. A metodologia inclui uma análise interpretativa das obras de escritores magrebinos como Albert Camus, Albert Memmi e Mohamed Fellag, focando na hibridização cultural e na construção de identidades pós-coloniais.

Neste contexto, Rosa (2020) explora a contribuição significativa de Leonard Bloomfield para a linguística, destacando suas obras "An Introduction to the Study of Language" e "Language" como fundamentais na área. Bloomfield compilou e organizou conceitos sobre fonética, fonêmica, morfologia e sintaxe, estabelecendo uma descrição detalhada da língua e influenciando a fonologia do Círculo Linguístico de Praga.

Por outro lado, Tavares (2021) aborda o resultado do processo de colonização, pós-colonização e descolonização no Haiti, afirmando que deixou marcas profundas na vida dos haitianos. A análise é fundamentada em uma revisão da literatura, destacando Frantz Fanon e Achille Mbembe para explorar a questão da identidade e migração haitiana. A diáspora, discutida por Dubois, Silva e Corsini, reflete intensamente na identidade desses sujeitos em um mundo globalizado. A abordagem teórica de Hall e Rajagopalan esclarece a formação da identidade no contexto universitário, enfatizando a importância de uma prática docente que considere o histórico e social dos discentes imigrantes. A análise é apoiada pela Análise de Discurso de linha francesa, que permite uma compreensão mais profunda das relações interpessoais e do acolhimento institucional.

Mujica (2013) investiga a atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos em Santa Augusta, RS, focando em diglossia e bilinguismo. Utilizando etnografia da fala e métodos variacionistas, foram entrevistadas 11 pessoas de duas famílias e analisados questionários de 35 famílias. Os resultados mostram que as crianças são bilíngues simultâneos, com uma transição de bilinguismo endógeno para exógeno e subtrativo para aditivo. Observa-se uma situação diglósica com uso equilibrado de português e pomerano e uma identidade mais associada ao pomerano, incluindo marcadores linguísticos de identidade.

Dawes (2021) investigou os critérios de aceitação e rejeição de sinais de Biologia no Projeto Surdos da UFRJ, destacando a expansão terminológica da Libras nas últimas décadas. A pesquisa qualitativa incluiu uma revisão de obras lexicográficas e uma análise de 36 sinais de Biologia. Constatou-se que sinais são aceitos se estão em uso na comunidade surda e adequados às estruturas gramaticais da Libras, enquanto sinais com composições extensas ou com pouca semelhança com o conceito representado são rejeitados, levando à criação ou reconstrução de novos sinais.

Rodrigues (2018) aborda a história da língua pomerana no Brasil, trazida no século XIX por imigrantes da Pomerânia. Em Santa Maria de Jetibá (ES), onde a língua é cooficial, o estudo analisa as ações glotopolíticas desde 1859, sob a ótica da Sociolinguística, com foco na Glotopolítica. A pesquisa qualitativa envolve análise documental, bibliográfica e entrevistas, destacando a resistência da comunidade pomerana, a influência da Igreja Luterana e do Estado, que, ao longo do tempo, impactaram positiva ou negativamente o uso da língua pomerana, moldando seu atual contexto linguístico.

Alencar (2013) examina a identificação da língua Xetá, a partir de dados coletados por diversos estudiosos e informações guardadas pelos descendentes Xetá. Com o objetivo de desenvolver um programa de revitalização da língua, reivindicado pelos indígenas nos últimos 15 anos, o estudo faz um inventário dos dados publicados desde 1878, avaliando sua utilidade para a revitalização linguística. Além disso, discute-se a qualidade desses dados e se fundamenta na literatura sobre revitalização de línguas em estado crítico, considerando as contribuições dos próprios Xetá para fortalecer sua língua e cultura.

Neto (2020) investiga a "kroniango", uma variedade linguística resultante do contato entre o japonês e o português no contexto imigratório brasileiro, a partir de uma perspectiva sociolinguística. O estudo examina traços de nipobrasilianidade em textos de nipo-brasileiros e propõe novos termos para destacar a identidade desses indivíduos em São Paulo e Rio de Janeiro. A pesquisa fundamenta-se em conceitos de contato linguístico e ecolinguística, utilizando testes de inteligibilidade para analisar a distância entre a "kroniango" e o japonês padrão, evidenciando sua relevância identitária para os nipo-brasileiros.

Finalmente, COSTA (2021) investiga as percepções de duas alunas de Letras sobre si mesmas e suas futuras carreiras como professoras, com base em dados qualitativos e etnográficos. A pesquisa utiliza estudos da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso, enfocando a sala de aula como espaço de interação e formação de identidades. A análise dos discursos revela a diversidade de perfis e a metacsciência das alunas sobre sua formação e identidade linguística. O estudo visa destacar a sala de aula universitária como um espaço de

convivência intersubjetiva, contribuindo para a formação profissional e a valorização das subjetividades dos futuros alunos.

Junior (2019) visa estudar a tradução jurídica de verbos modais do alemão para o português no contexto do Direito da União Europeia, focando no Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia. Embora a tradução seja uma prática antiga, ela só foi sistematizada como ciência independente no século XX, com desenvolvimentos teóricos surgindo na década de 1960. No Brasil, há uma falta de pesquisas sobre tradução jurídica. O objetivo é ressaltar que, apesar de ser uma ciência autônoma, a Tradução pode ser analisada através do Contato Linguístico e que a tradução jurídica demanda abordagens específicas além das aplicadas em outras traduções especializadas.

Conceição (2019) analisa 1291 escolas internacionais apoiadas pelo Ministério de Relações Exteriores da Alemanha, focando nas chamadas "escolas de encontro bicultural". Essas escolas atendem principalmente a crianças de classes privilegiadas, não-alemãs e não falantes nativos de alemão. A pesquisa examina a correspondência entre o modelo intercultural proposto e as dinâmicas reais de troca e identidade, alinhando-se com o Quadro Europeu de Referência e o plano DaF-Rahmenplan. A análise é dividida em dois aspectos: uma crítica das representações institucionais nas páginas de escolas bilíngues e um projeto de intercâmbio de cartas entre alunos para observar a construção de espaços liminares e a adaptação da língua. Utilizando métodos de análise qualitativa, o objetivo é adequar as práticas pedagógicas às necessidades reais dos alunos e aos objetivos educacionais estabelecidos.

Magalhaes (2019) investiga se o ensino de Português como Língua de Herança (POLH) promove o plurilinguismo nas escolas de quatro países europeus: Espanha, Finlândia, Inglaterra e Itália, com base em quatro estudos anteriores. A pesquisa revela que, apesar de o plurilinguismo ser comum e natural para crianças multilíngues nesses contextos, a falta de apoio institucional limita o acesso aos benefícios da educação bilíngue/plurilíngue, impactando o desenvolvimento comunicativo e o senso de pertencimento cultural das crianças.

Cidade (2013) examina a identidade linguística dos brasileiros na fronteira Pacaraima (Brasil)-Santa Elena (Venezuela) e o impacto do ensino de espanhol nesse contexto. O primeiro capítulo aborda as condições discursivas dos sujeitos analisados, utilizando a Análise Crítica do Discurso e estudos identitários. O segundo capítulo revisa a regulamentação do ensino de línguas estrangeiras, com foco no espanhol, e analisa o currículo de uma escola da fronteira. O terceiro capítulo descreve os dados analisados, e o quarto apresenta a análise das práticas discursivas para entender como a identidade linguística é formada e como o ensino de espanhol se adapta a essa realidade. Os resultados indicam que o ensino de espanhol é mais focado na

língua em si e menos no aspecto discursivo e intercultural relevante para a identidade dos alunos.

Por fim, Souza (2018) investiga como uma estagiária reconfigura suas identidades durante um estágio em Inglês para Fins Específicos (IFE). Utilizando uma abordagem qualitativo-interpretativista e socioconstrucionista, e baseando-se na Linguística Aplicada e no Sistema de Avaliabilidade, a pesquisa revela que a estagiária passa por significativas reformulações identitárias, principalmente no domínio afetivo. As interações e experiências na comunidade de prática de IFE são cruciais para essas mudanças, destacando a interconexão entre identidades, crenças e emoções.

De forma a sintetizar as informações presentes acima, foi desenvolvida a tabela a seguir, conforme ainda antecipado como nosso passo (ii) no início deste capítulo:

Grupo A - trabalhos que não serão analisados⁹

Quadro 4 - com síntese dos trabalhos excluídos da análise sobre identidade linguística

Referência do trabalho	Sobrenome e nome	Justificativa de Exclusão
T1 ¹⁰ - A Manutenção do romanesco no cinema italiano contemporâneo: uma abordagem identitária	GENOVA, Luciana de	O foco na variedade romanesca no cinema italiano
T2 - A redação no espaço escolar: redescobrimos caminhos	MESQUITA, Ana Flavia Nejam	O trabalho se concentra na metodologia de ensino e avaliação de redações
T3 - Nelson Rodrigues adaptador e adaptado A vida como “deveria ser”, do conto à tela	THOMAZ, Daniel De	A pesquisa foca na adaptação de textos literários para o audiovisual
T4 - Moçambique multicultural e multilinguístico um estudo de niketche: uma história de poligamia	CIRIACO, Maria Ines Francisca	Embora a discussão sobre língua e identidade esteja presente no trabalho, ela se dá a partir de outro país.
T5 - A percepção de lusofonia entre alunos do ensino médio de realidades sociais diferentes	FIAMOZZINI, Leila Maria Mansini	Este estudo foca na Lusofonia e na identidade linguística em um contexto pedagógico.
T6 - “Aquele abraço”: O discurso identitário cultural	JUNIOR, Jair De Almeida	O texto aborda o discurso identitário cultural

⁹ Os trabalhos estão organizados de acordo com a numeração atribuída a cada um deles no Apêndice A.

¹⁰ T1 = Trabalho 1; a partir daqui, os trabalhos serão todos numerados sequencialmente conforme indicados no anexo 1.

brasileiro que se abre para o mundo		brasileiro e lusófono com foco em aspectos históricos e religiosos
T7 - Identidade linguística em guiné-bissau: um estudo de mídias externas	SOUZA, Sara Rodrigues	Este texto analisa a identidade linguística na Guiné-Bissau e a interação entre português e crioulo, com foco em contextos fora do Brasil.
T11 - A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural.	SANTOS, Ivonete Da Silva	Este trabalho investiga a identidade linguística de estudantes brasileiros em contato com o português de Portugal,
T12 - A literatura pop alemã da década de 1990 como manifestação de identidade linguístico-geracional	CORREA, Carina Santos	O trabalho versa sobre aspectos literários a partir de outro idioma.
T13 - A influência da língua inglesa na formação de nomes comerciais: questões de identidade linguística e cultural	PRADO, Natalia Cristine	Este estudo foca na identidade linguística e cultural de nomes comerciais com elementos do inglês no Brasil e em Portugal, abordando a tensão entre afirmar e negar a identidade linguística do português
T15 - Monitoramento e identidade linguística: um estudo de palavras em duas versões de uma obra literária itabaianense	MENEZES, Keila Vasconcelos	O contexto analisado é voltado para a literatura e variação estilística específica de uma obra
T16 - A mudança lexical na libras: um estudo comparativo de sinais registrados em 1994, 2006 e 2018	SILVA, Leandro Viana	Este estudo investiga mudanças lexicais na Libras
T18 - Caracterização da identidade linguística de indivíduos da fronteira entre brasil e argentina (uruguaiana – paso de los libres)	SACHETE, Andreia Dos Santos	Esta pesquisa explora a identidade linguística em uma fronteira internacional e as inter-relações culturais entre Uruguaiana e Paso de los Libres, focando em um contexto específico e globalizado.
T19 - A filosofia em letras latinas: identidade e	MORAES, Henrique Silva	Este estudo foca na consciência linguística e

consciência linguísticas nos Acadêmicos de Cícero		tradução no contexto da identidade romana e filosofia na República Romana Tardia
T20 - O pensamento gramatical de Santo Agostinho.	FREITAS, Fernando Adao De Sa	O trabalho investiga o pensamento gramatical de Santo Agostinho e sua integração com textos filosóficos e doutrinários. Foca na gramática antiga e na preparação cristã para a leitura bíblica
T21 - A Ars grammatica de Diomedes: Reflexos do bilinguismo greco-latino	ROCHA, Eduardo Lacerda Faria	Explora o bilinguismo greco-latino na Ars grammatica de Diomedes e como isso reflete a sociedade de Constantinopla no século IV.
T22 - O português como língua nacional angolana: uma análise a partir da investigação do uso das formas pronominais nós e a gente	KIALANDA, Kialunda Sozinho	Analisa o português em Angola, focando na variação pronominal em Luanda e na identidade linguística angolana.
T23 - As línguas não ocupam espaço dentro de nós”: práticas, atitudes e identidades linguísticas entre jovens moçambicanos plurilíngues	PONSO, Leticia Cao	Examina as identidades linguísticas e práticas em Maputo, Moçambique, focando na percepção do português e das línguas locais em contextos pós-coloniais.
T24 - Identidade linguístico-cultural no Magrebe pós-colonial: a língua francesa como instrumento de expressão de culturas em contato.	SUHETT, Luana Moncores De Lima	Investiga o papel da língua francesa na construção da identidade linguístico-cultural no Magrebe pós-colonial, focando na hibridização cultural e na identidade franco-magrebina.
T25 - Síntese e análise dos quatro conceitos de análise linguística de Leonard Bloomfield (1887-1949): língua, fonema, falante e comunidade de fala	ROSA, Helda Nubia	Este trabalho foca na contribuição de Leonard Bloomfield para a linguística e suas influências teóricas, com ênfase na fonética, fonêmica, morfologia e sintaxe
T26 - O imigrante haitiano: a identidade linguística e o contexto universitário na	TAVARES, Elyzania Torres	Explora a identidade haitiana e a diáspora no contexto pós-colonial,

fundação universidade federal de rondônia – campus José ribeiro filho		abordando temas como colonização, descolonização e migração. Foca na identidade no Haiti e na diáspora haitiana, com ênfase em aspectos globais e acadêmicos.
T27 - Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes na comunidade de Santa Augusta-São Lourenço do Sul-RS-Brasil	MUJICA, Marina Marchi	Examina a identidade linguística e a diglossia entre o português e o pomerano na comunidade de Santa Augusta, RS, focando em bilinguismo e marcadores de identidade.
T29 - Validação de sinais em contexto institucional específico: sinais-termo para biologia	DAWES, Tathianna Prado	Esta tese foca na aceitação e rejeição de sinais de Biologia na Libras e na expansão terminológica da língua de sinais.
T32 - Ações glotopolíticas em Santa Maria de Jetibá – es: em evidência a língua pomerana	RODRIGUES, Leticia Mazzelli Lourenco	Esta pesquisa analisa as ações glotopolíticas relacionadas à língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, com foco na manutenção e resistência linguística da comunidade pomerana.
T33 - A Herança da Fala: Identidade Étnica e Memória Documental da Língua Xetá (Tupí-Guarani)	ALENCAR, Tiscianne Cavalcante De	Aborda a história e a revitalização da língua do povo indígena Xetá
T34 - Koroniago: manifestação etno-linguístico cultural de uma coine “nipobrasileira”	NETO, Marcionilo Euro Carlos	Esta dissertação investiga a koroniago, uma variedade linguística resultante do contato entre a língua japonesa e a língua portuguesa no Brasil, focando em como essa fusão linguística reflete a nipobrasilianidade nas produções escritas de nipo-brasileiros.
T35 - (Auto)(alter)percepções sobre si como sujeito de	COSTA, Taires De Jesus	Este trabalho analisa as percepções de duas

<p>linguagem e(m) seus reflexos na e para a formação inicial de um grupo de licenciandas em letras do interior baiano</p>		<p>alunas de Letras sobre suas identidades e carreiras futuras como professoras, usando dados qualitativos e etnográficos. Embora trate da formação de identidade em um contexto educacional, o foco é nas percepções individuais de alunas e na formação de identidades profissionais.</p>
<p>T36 - A tradução jurídica alemão-português brasileiro no Direito da União Europeia: o uso de verbos modais em um estudo de Contato Linguístico</p>	<p>JUNIOR, Winston Carlos Martins</p>	<p>Este trabalho investiga a tradução jurídica de verbos modais do alemão para o português no contexto do Direito da União Europeia, destacando a evolução da tradução como ciência e sua aplicação específica no campo jurídico.</p>
<p>T37 - Plurilinguismo e prática transcultural em escolas alemãs no exterior: políticas curriculares, representações e potencialidades</p>	<p>CONCEICAO, Robson Carapeto</p>	<p>Este estudo investiga as "escolas de encontro bicultural" apoiadas pelo Ministério de Relações Exteriores da Alemanha, focando na adaptação pedagógica e na construção de identidade em contextos bilíngues</p>
<p>T38 - o português como língua de herança: o plurilinguismo no contexto escolar de quatro estudos europeus</p>	<p>MAGALHAES, Carolina da Silva Vieira</p>	<p>Este trabalho investiga o impacto do ensino de Português como Língua de Herança (POLH) no plurilinguismo em escolas europeias, destacando desafios institucionais e benefícios para o desenvolvimento cultural e comunicativo das crianças.</p>
<p>T39 - A identidade linguística do sujeito migrante brasileiro no espaço fronteiro Pacaraima(Brasil) - Santa Elena(Venezuela) e o ensino-</p>	<p>CIDADE, Cidneya De Souza</p>	<p>Esta dissertação investiga a identidade linguística dos brasileiros na fronteira Pacaraima-</p>

aprendizagem de espanhol língua estrangeira (E/LE)		Santa Elena e o impacto do ensino de espanhol.
T40 - onde que a gente se encaixa aqui?: (re)construções de identidades de uma professora em formação no estágio de inglês para fins específicos sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional	SOUZA, Carla Cristina de Souza	Este estudo explora a reconfiguração identitária de uma estagiária durante um estágio em Inglês para Fins Específicos (IFE).

Fonte: O autor, 2024.

A partir da análise criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos disponibilizados pela plataforma, foi possível identificar aqueles que demonstraram maior alinhamento com os objetivos e a temática central desta dissertação. Essa seleção foi guiada pela relevância dos estudos em relação às questões sobre língua e identidade. Esses trabalhos serão destacados a seguir no **grupo B**.

Com o intuito de melhorar a organização e oferecer uma visão mais clara sobre o conteúdo disponibilizado pela plataforma, foi elaborada a tabela abaixo, que lista os nomes dos autores juntamente com os títulos de seus respectivos trabalhos. Após a tabela, e seguindo a ordem nela estabelecida, procede-se à apresentação dos referidos trabalhos, elaborada com base em nossa leitura e análise.

Quadro 5 – Grupo B Identidade Linguística

Autor	Título
SOUZA, Josy Maria Alves De	Nomes Sociais De Pessoas Transgêneros E Nomes Artísticos De Drag Queens Do Estado De Rondônia: Questões De Identidade Linguística E De Gênero
JESUS, Carolina Camargo De	Os Potiguara Da Paraíba E O Processo De (Re)Construção De Sua Identidade Linguística
CHAVES, Daniele Aparecida Bueno De Lima De	Gênero oral causo: marcas de identidade linguística do sudoeste paranaense
NETO, Raimundo Jose Ferreira	O Falar Sertanejo Na Voz De Patativa Do Assaré: A Representação De Uma Identidade Linguística E Social

ALVES, Maria Jose	A Formação De Nomes Comerciais Nas Cidades De Palmas (Tocantins) E De Catalão (Goiás): Questões De Identidade Linguística E Cultural
SILVA, Itania Flavia Da	LINGUAGEM E PODER: Práticas discursivas e a constituição de identidades linguísticas no contexto escolar
BARROS, Marina Alvarenga Do Rego.	Construção e manutenção de etnicidade na baixada cuiabana: confluências sociolinguísticas
NASCIMENTO, INGRID CRUZ DO	NOSSA LÍNGUA É O NOSSO SANGUE: PERCEPÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICAS DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO CONTEXTO ESCOLAR PESSOENSE

Fonte: O autor, 2024.

Souza (2019) investiga a relação entre os nomes sociais de pessoas trans e os nomes artísticos de drag queens em Rondônia, analisando aspectos culturais, sociais e linguísticos. O estudo, de natureza quantitativa e qualitativa, incluiu a análise de 50 nomes sociais e 5 nomes artísticos, com base em questionário online. A investigação se aprofunda em questões lexicológicas, onomásticas, morfológicas e fonológicas, além de discutir as identidades e identidades de gênero.

Na fundamentação teórica, o trabalho aborda a divisão da onomástica, incluindo a antroponímia e a cultura da nomeação, destacando o esvaziamento semântico dos antropônimos e o panorama atual dos estudos antroponímicos no Brasil. Também são exploradas as motivações para a escolha de antropônimos.

A análise morfológica discute a estrutura mórfica, os tipos de morfemas e os processos de formação de palavras utilizados na criação de antropônimos, como hibridismo, recomposição, fonossemia, duplicação e derivação imprópria. Além disso, o estudo aborda a flexão de gênero e os processos de formação de palavras, como sufixação e composição.

A análise fonológica inclui a estrutura silábica do Português Brasileiro e a acentuação, destacando padrões silábicos e acentuais nas renomeações. A análise identitária revela que 65% das travestis e mulheres transexuais, 90% dos homens transexuais e 80% das drag queens

adotam nomes sem identidade morfológica com o prenome. A maioria dos nomes segue padrões fonológicos do Português Brasileiro, e poucos têm origem estrangeira.

Finalmente, o estudo discute as questões de identidade de gênero e identidade linguística, mostrando como a escolha dos nomes reflete um distanciamento da identidade de gênero original, afirmando a nova identidade e a autonomia pessoal. A pesquisa oferece um panorama abrangente dos processos linguísticos e identitários envolvidos na escolha e uso dos nomes sociais e artísticos, com considerações metodológicas e legais detalhadas.

No mesmo espírito de análise de identidades linguísticas, Jesus (2019) – segundo o resumo de seu trabalho – descreve a (re)construção da identidade linguística dos Potiguara da Paraíba, focando na retomada da língua ancestral, o "Tupi Antigo". O estudo destaca o papel dos gestores da política linguística local, especialmente os professores, que promovem o uso do "Tupi Antigo" no espaço escolar, evidenciando um esforço significativo para preservar e revitalizar a língua indígena como um marcador de identidade cultural. Infelizmente, o trabalho não está disponível na Plataforma Sucupira e não foi possível encontrá-lo no próprio depósito, o que nos impediu de lê-lo por completo.

Em contraste, Chaves (2019) conduz uma pesquisa abrangente sobre o gênero oral "causo" como um marcador de identidade linguística no sudoeste paranaense, utilizando um método fenomenológico para entender como essas narrativas contribuem para a construção da identidade regional. A estrutura da pesquisa é meticulosamente organizada em quatro capítulos principais, cada um com subcapítulos que detalham os aspectos essenciais do estudo.

O primeiro capítulo, intitulado "Construindo a Pesquisa", traça a trajetória do estudo, oferecendo uma visão detalhada sobre o desenvolvimento da pesquisa, desde a concepção inicial até a definição do objeto de estudo. Neste capítulo, Chaves examina as orientações metodológicas que guiam a pesquisa, abordando também as questões éticas envolvidas na coleta e análise de dados, com ênfase na responsabilidade e sensibilidade ao lidar com narrativas orais de tradição cultural.

No segundo capítulo, "Fundamentação Teórica", Chaves mergulha nos conceitos de cultura, explorando suas definições e transformações ao longo do tempo, especialmente no contexto da pós-modernidade. Aqui, a pesquisa destaca a importância da valorização da cultura local, discutindo como a cultura se manifesta nos gêneros discursivos, especialmente no "causo", que é apresentado como uma forma rica de expressão cultural. Além disso, o capítulo aborda a relação intrínseca entre gêneros discursivos e cultura, justificando a importância do ensino de gêneros locais como forma de preservar e valorizar a identidade cultural.

Dentro desse contexto teórico, Chaves dedica uma parte significativa do estudo à análise do gênero oral "causo", investigando sua estrutura discursiva e sua função como um "discurso fundador" que perpetua tradições e valores culturais. O autor também explora o papel da língua e da linguagem na construção da identidade, examinando como a emoção e o discurso se entrelaçam para criar uma narrativa que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva.

O terceiro capítulo, "Resultado das Análises", apresenta uma análise detalhada das narrativas coletadas, destacando as marcas de identidade presentes no gênero "causo". Chaves identifica as principais características desse gênero, analisando a ligação entre diferentes "causos" e como eles se conectam para formar um tecido narrativo que reflete a identidade regional. Além disso, o capítulo explora a representação e a linguagem utilizada nos "causos", com foco em temas como o fantástico e a memória coletiva, que emergem como elementos centrais na construção dessas narrativas. A análise das "marcas de emoção" presentes nos relatos é outro aspecto crucial discutido neste capítulo, revelando como as emoções são expressas e percebidas dentro dessas histórias.

Finalmente, nas "Considerações Finais", Chaves reflete sobre as implicações do estudo, destacando a importância da interdisciplinaridade na análise de gêneros orais e sua relevância para a área da educação. A pesquisa sugere que o ensino e a preservação de gêneros culturais, como o "causo", são fundamentais para a manutenção e valorização das identidades locais, contribuindo para um entendimento mais profundo da diversidade cultural e linguística no Brasil.

Por sua vez, Neto (2022) realiza uma análise profunda sobre a diversidade e as variações da língua portuguesa falada no Brasil, concentrando-se especificamente no sertão cearense e na obra do poeta popular Patativa do Assaré. O estudo está alicerçado na Sociolinguística Variacionista, um campo que explora as relações dinâmicas entre língua e sociedade, e começa por traçar um panorama histórico dos estudos sociolinguísticos, destacando como essas investigações têm evoluído ao longo do tempo.

A pesquisa aborda a ocorrência de variações linguísticas em diferentes níveis, principalmente no fonético-fonológico e no morfossintático. No nível fonético-fonológico, são examinados processos como a apócope, que se refere à supressão de sons no final das palavras, uma característica notável na fala sertaneja. No nível morfossintático, o estudo observa as variações na expressão da concordância verbal e nominal, aspectos que são cruciais para compreender as particularidades do português falado na região.

No contexto da obra de Patativa do Assaré, Neto analisa quinze poemas emblemáticos, destacando como o poeta utiliza o seu falar sertanejo para não apenas expressar a identidade do

povo do sertão, mas também para reivindicar sua dignidade e melhores condições de vida. A linguagem de Patativa é estudada como uma ferramenta de resistência cultural e social, que confere voz a um grupo historicamente marginalizado.

A pesquisa também explora as atitudes linguísticas em relação à noção de identidade, analisando como essas atitudes são refletidas na linguagem e como contribuem para a construção de uma identidade regional. Patativa do Assaré emerge como um símbolo dessa identidade sertaneja, enraizada na tradição oral e no uso de uma linguagem que é ao mesmo tempo simples e profundamente expressiva.

Já, Alves (2017) realiza um estudo aprofundado sobre a identidade da língua portuguesa e sua interconexão com a identidade cultural, analisando como a criação de nomes comerciais reflete essas dinâmicas. A pesquisa inicia com uma investigação das mudanças recentes no léxico da língua portuguesa, destacando o surgimento de neologismos, estrangeirismos e empréstimos linguísticos. Alves explora as definições e as complexidades associadas a esses fenômenos, além dos debates acadêmicos contemporâneos sobre a incorporação e adaptação de palavras estrangeiras na língua portuguesa.

O trabalho também se debruça sobre os processos de nomeação de estabelecimentos comerciais, abordando os trâmites legais envolvidos e a origem dos nomes comerciais, bem como a sua significação na publicidade e no valor do comércio. Examina como a escolha do nome pode influenciar a percepção da marca e a posição competitiva no mercado. A pesquisa revela como os nomes comerciais são moldados por influências externas, como o inglês, e como isso reflete uma busca por uma identidade que se distingue e se conecta com uma perspectiva globalizada e híbrida.

Para alcançar esses objetivos, Alves realiza uma caracterização geoeconômica das cidades de Palmas e Catalão, oferecendo uma visão detalhada dos contextos locais onde a pesquisa é aplicada. Os procedimentos metodológicos incluem a coleta e análise de dados por meio de entrevistas e uma investigação linguística e morfossintática dos nomes comerciais. A análise dos dados destaca como os nomes não apenas cumprem funções práticas, mas também desempenham um papel significativo na construção da identidade dos negócios e de seus proprietários.

Ao concluir, a pesquisa demonstra que a prática de nomeação é mais do que um simples ato comercial; é um reflexo das interações entre a língua e a cultura, evidenciando como a busca por diferenciação e conexão globalizada está profundamente enraizada nas escolhas linguísticas e culturais. Assim, o estudo de Alves oferece uma contribuição valiosa para a compreensão das

dinâmicas linguísticas e culturais contemporâneas, sublinhando a importância do nome como um elemento chave na formação e expressão da identidade.

Nesse sentido, Silva (2016) explora como as práticas discursivas em uma escola pública municipal de Aliança/PE afetam a formação da identidade dos alunos, especialmente no que diz respeito ao uso de variações linguísticas. O estudo, fundamentado em teorias foucaultianas sobre poder e análise do discurso, adota uma abordagem qualitativa e utiliza métodos como rodas de conversa e questionários para coletar dados. O objetivo principal é fomentar a consciência crítica dos alunos e aprimorar o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, destacando a importância da diversidade linguística no contexto brasileiro.

O trabalho está estruturado em várias seções que detalham o desenvolvimento e análise da pesquisa. Inicialmente, são apresentados os percursos metodológicos, incluindo o contexto da pesquisa e os procedimentos para a geração de dados. A seção de estado da arte oferece um panorama abrangente das concepções teóricas relevantes, abordando as perspectivas sobre linguagem e ensino de língua portuguesa, a formação da identidade individual, e o papel do discurso e do poder na constituição das identidades linguísticas.

A análise dos dados examina as discursividades dos discentes e docentes, destacando como estas práticas refletem e influenciam as identidades linguísticas no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, a proposta de intervenção apresenta metodologias práticas para a construção de identidades linguísticas, com recomendações específicas para a atuação dos professores e para o engajamento dos alunos.

A seção final analisa a eficácia da intervenção, avaliando a legitimidade das variações linguísticas dos discentes e a integração da diversidade linguística no ensino da língua portuguesa. As considerações finais discutem os impactos das práticas discursivas na identidade dos alunos e sugerem direções para futuras pesquisas e práticas pedagógicas.

Barros (2021) aborda a história e o registro linguístico da Baixada Cuiabana, uma região de Mato Grosso, com foco na construção e manutenção da etnicidade linguística e cultural local. O estudo começa com uma análise histórica e sociolinguística da Baixada Cuiabana, destacando a formação histórica da região e a evolução do falar cuiabano. A pesquisa examina o papel do contato linguístico, incluindo mudanças e mortes linguísticas, e explora como esses fenômenos afetam a identidade e o pertencimento na Baixada Cuiabana.

O corpus de análise inclui estudos anteriores relevantes: "Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva Crioulística" de Souza Rodrigues (1999), que examina a fonologia local; "A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabana – Mato Grosso" de Dettoni (2003), que investiga a variação

linguística; e "Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – o falar cuiabano em evidência" de Cox (2009), que fornece uma visão abrangente sobre o falar cuiabano.

Além da análise dos estudos, a pesquisa reflete sobre o conceito de pertencimento, diferenciando entre 'belonging to' e 'belonging with', e discute como esses conceitos se relacionam com as identidades sociais e linguísticas na Baixada Cuiabana. A pesquisa conclui que a etnicidade na região é viva e em constante manutenção, evidenciada pela forma como as comunidades locais utilizam a língua para afirmar sua identidade cultural e social. A pesquisa destaca a necessidade de registro e valorização da variedade do português local, considerando o contexto de marginalização da região desde os anos 1970.

Finalmente, Nascimento (2020) investiga a consciência dos falantes de João Pessoa sobre seu dialeto e identidade linguística, com foco nas vogais médias pretônicas. O estudo é dividido em várias seções, começando com uma análise das três ondas da Sociolinguística Variacionista e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, com ênfase na variação linguística e na identidade linguística. A pesquisa segue explorando como essas vogais médias pretônicas são faladas e percebidas em diferentes contextos, incluindo João Pessoa e o Rio de Janeiro, além de uma comparação com Pelotas – RS.

O estudo inclui uma análise detalhada das vogais médias pretônicas em João Pessoa, abordando variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam sua produção e percepção. A percepção dessas vogais é examinada através de testes realizados com estudantes de Ensino Médio e com a professora Fátima Fiandeira, cuja relação afetiva com a língua é identificada como um fator importante na sua abordagem pedagógica. A pesquisa ressalta a importância da consciência dialetal para o fortalecimento da identidade linguística dos alunos, demonstrando como o ensino de língua pode refletir e reforçar a diversidade linguística.

O percurso metodológico da pesquisa é descrito com detalhes, abrangendo a natureza da pesquisa, o contexto, os participantes e os instrumentos utilizados. Os testes de percepção incluem a gravação e edição dos estímulos, bem como a definição das variáveis, enquanto a entrevista é detalhada em termos de gravação e análise do corpus. Finalmente, o estudo discute a construção da identidade linguística no contexto escolar, destacando o papel do professor e do aluno na formação dessa identidade.

Após examinar os estudos sobre identidade linguística, voltamos agora nossa atenção para as pesquisas que abordam a identidade favelada.

4.2 Identidade favelada

A escolha pelo termo "identidade favelada" como palavra-chave de nossa pesquisa é fundamentada na necessidade de identificar as particularidades das identidades formadas nas comunidades faveladas e como essas identidades são refletidas e moldadas pela língua. Para Bagno, a língua é um poderoso instrumento de construção identitária, pois reflete e ao mesmo tempo configura a realidade social de seus falantes (Bagno, 2002). Assim, a identidade favelada emerge como uma expressão das condições sociais específicas das favelas, onde a língua não apenas marca o pertencimento, mas também atua como um instrumento de resistência contra as normas linguísticas impostas pela sociedade dominante.

Nesse sentido, a identidade favelada pode ser vista como um fenômeno linguístico-discursivo que resulta das práticas cotidianas e dos discursos que circulam nesses espaços, conferindo aos moradores uma identidade coletiva única.

Com base nessa definição, o termo “identidade favelada” foi inserido entre aspas no catálogo de teses e dissertações da Capes, resultando em um retorno de seis trabalhos. Respeitando o recorte temporal e das produções avaliadas nas áreas de Letras e Linguísticas, apenas um trabalho¹¹¹² foi retornado pela plataforma. Assim, na planilha abaixo, apresentamos o autor e o título do trabalho. Em seguida, é disponibilizado um resumo elaborado com base em nossa leitura do estudo.

Quadro 6 – Resultado pesquisa sobre “Identidade Favela”

Autor	Título
TEIXEIRA, Paula Fernandes	Eu Posso Morar No Morro, / Mas Eu Não Devo A Ninguém”: A Construção Identitária E A Significação Da Realidade Em Narrativas De Adolescentes Atendidos Por Programa Social Federal

Fonte: O autor, 2024.

¹¹ Apêndice B.

¹² Pesquisa realizada no dia 19 de agosto de 2024 às 19h07.

A pesquisa de Teixeira (2021) explora como adolescentes participantes do Programa Forças no Esporte (Profesp) na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, constroem suas identidades e percepções sobre si mesmos e o ambiente ao seu redor. Utilizando Análise da Narrativa e Sociolinguística Interacional, a pesquisa adota um paradigma socioconstrutivista e uma abordagem qualitativa e interpretativista. A coleta de dados é realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e em grupo com oito adolescentes, o que permite uma análise profunda das suas narrativas.

A análise dos discursos revela que os adolescentes criam sistemas de coerência que refletem suas crenças e valores. Estes sistemas ajudam a entender como eles representam e interpretam conceitos sociais importantes, como a favela, o asfalto, a figura do bandido, a polícia e a violência. A pesquisa detalha como esses conceitos se relacionam com o Profesp e o impacto do programa nas vidas dos participantes.

A investigação aborda a realidade social como uma construção simbólico-discursiva, analisando a moral dos pobres e a vida na favela, incluindo a relação com o tráfico de drogas e a violência. Também se concentra nas performances narrativas, examinando como os adolescentes utilizam as narrativas para construir e expressar suas identidades coletivas e individuais.

Além disso, a pesquisa discute a representação da experiência, a estrutura das narrativas e a interação narrativa, oferecendo uma visão detalhada de como essas narrativas influenciam a percepção de identidade dos adolescentes. A metodologia é descrita com detalhes sobre o contexto da pesquisa, o programa Profesp, os beneficiários, os participantes e o papel da pesquisadora. A análise dos dados, dividida entre os discursos de Bernardo, Augusto e Peter, e Daniele, Tatiane, Laís, Manuela e Ricardo, revela conflitos e ambiguidades nas narrativas, sublinhando a complexidade da construção identitária.

Por fim, as considerações finais refletem sobre o impacto do Profesp nas identidades dos participantes e como as narrativas construídas dentro do programa contribuem para a formação e gestão dessas identidades. A pesquisa oferece uma compreensão abrangente de como adolescentes em contextos desafiadores constroem e expressam suas identidades e o papel crucial dos programas sociais nesse processo.

4.3 Pertencimento linguístico

O termo "pertencimento linguístico", embora não seja um conceito amplamente consolidado no meio acadêmico, está relacionado a discussões sobre identidade linguística e sociolinguística.

Hall (2006), discute o conceito de identidade cultural, que pode ser relacionado ao pertencimento linguístico como uma dimensão da identidade. Bourdieu (1996), em *A Economia das Trocas Linguísticas*, trata da língua como um capital simbólico, onde a linguagem está profundamente ligada a questões de poder, identidade e pertencimento social. Bagno (1999), em suas obras sobre preconceito linguístico, toca em questões de pertencimento ao abordar como diferentes variantes linguísticas estão associadas a identidades sociais e culturais específicas no Brasil. Faraco (2008) discute a ideia de norma linguística e sua relação com a identidade e pertencimento, especialmente no contexto do português brasileiro. Esses autores não utilizam necessariamente o termo "pertencimento linguístico" de forma explícita, mas suas obras fornecem uma base teórica sólida para a compreensão de como a língua e a identidade estão entrelaçadas.

É nesse contexto que escolhemos o termo "pertencimento linguístico" como palavra-chave em nossa investigação, visando explorar como ele pode ser operacionalizado para descrever as dinâmicas sociolinguísticas presentes em diferentes comunidades.

Ao adotar essa perspectiva, entendemos que o "pertencimento linguístico" não se refere apenas ao domínio ou uso de uma determinada língua, mas também ao reconhecimento e aceitação de uma identidade cultural e social expressa por meio da língua. Em outras palavras, é um conceito que abrange não só a competência linguística, mas também o sentimento de pertencimento a um grupo social que compartilha valores, histórias e vivências através da língua.

Ao inserir a palavra-chave "pertencimento linguístico", com aspas, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, essa pesquisa não obteve resultados. Esse fato pode ser interpretado como um indício de que o termo "pertencimento linguístico" ainda não possui ampla consolidação no contexto da pós-graduação brasileira, o que explicaria a ausência de registros no catálogo. No entanto, essa ausência não deve ser vista como um reflexo da irrelevância ou inexistência do conceito na academia. Pelo contrário, uma busca realizada no

Google Scholar¹³ revela 103 resultados associados ao termo, indicando que há, de fato, um interesse acadêmico emergente e crescente em torno dessa temática, particularmente em artigos científicos.

A ocorrência desses resultados sugere que o conceito "pertencimento linguístico" já circula e é discutido no meio acadêmico, especialmente em publicações que exploram as complexas interações entre língua, identidade e cultura. A falta de registros no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, portanto, não significa que não se fala ou se pesquisa sobre o tema, mas sim que ele ainda não é amplamente abordado no nível de pós-graduação no Brasil. Esse cenário revela uma oportunidade significativa para futuras pesquisas e debates acadêmicos.

A lacuna identificada, em vez de desmotivar, deve ser vista como uma chance para o desenvolvimento de novas investigações, como a proposta neste trabalho. Este estudo pretende contribuir para o avanço do entendimento sobre o pertencimento linguístico, especialmente no contexto de comunidades marginalizadas, oferecendo uma nova perspectiva e ampliando o diálogo sobre o tema na academia. Assim, ao investigar o pertencimento linguístico, a pesquisa se propõe a preencher uma brecha existente na literatura acadêmica, reforçando a importância desse conceito na compreensão das dinâmicas identitárias e culturais no Brasil.

A partir da exposição das pesquisas resultadas através das palavras-chave "identidade linguística", "identidade favelada" e "pertencimento linguístico", procede-se agora a uma análise integrativa dos resultados obtidos. Esse processo visa sintetizar e correlacionar os achados, permitindo uma compreensão mais profunda das inter-relações entre as pesquisas apresentadas.

4.4 Identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico: uma análise integrativa

Foi abordado no capítulo anterior a pesquisa de três palavras-chave: "identidade linguística", "identidade favelada" e "pertencimento linguístico", dentro do marco temporal estabelecido pela pesquisa e em trabalhos avaliados na área de Letras e Linguística. A análise quantitativa preliminar dos resultados revela disparidades entre a quantidade de trabalhos

¹³ Pesquisa realizada em 27/08/2024 às 0h55.

encontrados e a relevância deles para os objetivos específicos desta dissertação, que busca examinar a perspectiva identitária linguística em contextos favelados.

Em relação à palavra-chave "identidade linguística", a busca resultou em 40 estudos, dos quais apenas 8 se mostraram efetivamente alinhados aos objetivos centrais desta dissertação, representando 20% do total. Embora esse número inicial pareça indicar uma ampla produção acadêmica sobre o tema, a análise mais aprofundada dos trabalhos revela que a maior parte das pesquisas foca em abordagens genéricas ou em perspectivas teóricas que não se conectam diretamente às discussões sobre inclusão e pertencimento linguístico, que são o cerne desta investigação.

Esses 8 estudos que foram considerados relevantes evidenciam uma escassez de trabalhos que tratam das especificidades da relação entre identidade linguística e os processos de marginalização ou reconhecimento social em contextos socialmente vulneráveis. Esse dado sugere que, apesar da crescente atenção sobre identidade linguística no campo das Letras e Linguística, ainda há uma subexploração de temas relacionados à afirmação identitária em comunidades socialmente periféricas.

Portanto, os resultados revelam uma lacuna significativa na produção acadêmica voltada para a identidade linguística e o pertencimento sociocultural em ambientes de exclusão. Isso reforça a relevância e a necessidade de expandir o debate nessa área, contribuindo para uma visão mais inclusiva das dinâmicas identitárias.

No que se refere à palavra-chave "identidade linguística", a pesquisa identificou um número relativamente limitado de trabalhos, totalizando 40 estudos, como mostrado nas linhas acima. Esse panorama torna-se ainda mais restritivo ao considerarmos a palavra-chave "identidade favelada", para a qual apenas um estudo foi encontrado. Contudo, esse único trabalho mostrou-se relevante para os objetivos da investigação em curso.

Esse resultado destaca mais uma vez, um hiato nos estudos voltados para a identidade favelada, um tópico que permite a compreensão das dinâmicas sociais e culturais nos territórios periféricos. Apesar de sua importância, observa-se que a questão da identidade favelada ainda carece de uma exploração mais aprofundada no campo da linguística. Isso sugere a necessidade de um maior investimento em pesquisas que abordem a interseção entre identidade e espaço social marginalizado.

A falta de estudos sobre identidade favelada não apenas limita a compreensão das particularidades linguísticas e culturais desses espaços, mas também reduz a capacidade de desenvolver políticas linguísticas e sociais que atendam adequadamente às necessidades e realidades dessas comunidades. Portanto, um aprofundamento nessa área é importante para

preencher essa lacuna e para promover uma análise mais abrangente e inclusiva das identidades linguísticas em contextos periféricos. Essa pesquisa poderia contribuir significativamente para um melhor entendimento das dinâmicas de poder, pertencimento e expressão cultural que caracterizam as favelas, além de possibilitar a construção de um conhecimento mais equitativo e representativo sobre a diversidade linguística e social desses territórios.

Não foi obtido resultado na pesquisa sobre "pertencimento linguístico", mesmo sem a aplicação de refinamentos (sem o uso de aspas, por exemplo). Tal ausência pode indicar uma desatenção ou falta de interesse da academia pelo tema, o que sublinha a necessidade urgente de futuras investigações. A falta de dados pode refletir não apenas uma escassez de estudos dedicados a essa área, mas também possíveis barreiras relacionadas à publicação ou visibilidade das pesquisas existentes, especialmente considerando que o fenômeno ocorre em territórios vulneráveis, frequentemente afetados por questões de segurança pública e temores de represália por parte de grupos paralelos. Ademais, podem existir desafios metodológicos e conceituais que necessitam ser abordados para compreender adequadamente como o pertencimento linguístico se manifesta e se constrói em contextos específicos. O vazio nas pesquisas também pode apontar para a necessidade de abordagens multidisciplinares, envolvendo áreas como sociologia, psicologia social e estudos linguísticos, para uma compreensão ainda maior do fenômeno. Por fim, a ausência de pesquisa pode subestimar o impacto social e político das práticas linguísticas na formação de identidades e pertencimento, o que torna a investigação desse tema crucial para a formulação de políticas que reconheçam e valorizem a diversidade linguística e cultural dessas comunidades.

É importante sublinhar que os resultados apresentados foram obtidos a partir da análise do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ou seja, referem-se exclusivamente a produções acadêmicas em nível de pós-graduação. Esse foco restrito não permite uma visão abrangente do panorama acadêmico em níveis inferiores, como o da graduação, nem abrange a totalidade da produção científica em outras modalidades, como em artigos em periódicos. Portanto, os dados obtidos refletem especificamente o cenário das pesquisas desenvolvidas no contexto da pós-graduação. Essas informações devem ser interpretadas com a compreensão de que representam apenas uma parcela, ainda que muito significativa, do universo acadêmico, não implicando uma perspectiva totalitária sobre a academia como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo investigar, trazendo por meio de uma pesquisa de revisão da literatura, as marcas linguístico-discursivas enquanto forma de afirmação da identidade favelada, articulando o conceito de pertencimento linguístico em comunidades vulneráveis do Rio de Janeiro. Essa empreitada surge a partir interação do autor com a linguagem utilizada pelos moradores dessas comunidades, A pesquisa de caráter totalmente bibliográfico se utilizou de algumas palavras-chave para encontrar trabalhos que versassem sobre essa perspectiva: identidade linguística, identidade favelada e pertencimento linguístico.

A pesquisa, fundamentada em uma metodologia de estado da arte, buscou traçar um panorama dos estudos sobre identidade linguística no contexto de favelas e comunidades em situação de vulnerabilidade social. Os dados analisados revelaram uma escassez significativa de pesquisas voltadas a essas comunidades, pelo menos, nos programas de pós-graduação no Brasil, evidenciando uma lacuna que demanda maior atenção acadêmica. Essa ausência não apenas limita a compreensão das particularidades linguísticas desses grupos, como também invisibiliza a força de suas vozes na construção de uma identidade coletiva.

Os resultados obtidos, embora não restritos às favelas, mas aplicáveis a territórios vulneráveis e frequentemente negligenciados pelo Estado, sugerem que essas marcas linguístico-discursivas operam como elementos de resistência e afirmação social. Além disso, as pesquisas que tratam dessas comunidades contribuem para desafiar estigmas e oferecem uma perspectiva mais ampla sobre as dinâmicas de identidade. A relação entre língua, espaço e pertencimento emerge como um fator crucial na construção da autoimagem dos indivíduos, reafirmando o papel da linguagem como mediadora das experiências de marginalização e empoderamento.

Por fim, este estudo contribui para o campo das pesquisas sobre identidade linguística ao evidenciar a carência de estudos sobre as marcas linguístico-discursivas em favelas e comunidades vulneráveis, particularmente na cidade do Rio de Janeiro. A partir dos dados apresentados, torna-se evidente a urgência de aprofundar as investigações nessa área, ampliando o diálogo acadêmico sobre as formas de expressão das populações faveladas e suas contribuições para a diversidade cultural e linguística do país.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Guia de Recomendações de Práticas Responsáveis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2013.

AMORIM, Lauro; SANTI, Bianca. **Norma padrão, norma culta e hibridismo linguístico em traduções de artigos do New York Times**. *Cadernos de Traduções*, Florianópolis, v. 39 n. 3, p. 111-131, set. 2019.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2010.

ANDRÉ, Marli; ROMANOWSKI, Joana P. **Estado da arte sobre formação de professores nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, 1990 a 1996**. In: PROGRAMA E RESUMOS DA 22ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 22., 1999, Caxambu-MG. Anais... Caxambu: ANPED, 1999.

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BENEFIELD, Brigid C. **Interrater reliability: the kappa statistic**. *Biochemical Medicine, Zagreb*, v. 13, n. 3, p. 276-282, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana de. **Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno?** In: RICARDO, Stella Maris Bortoni-Ricardo, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013. Série Estratégias de Ensino 37.

BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BURRELL, Gibson; MORGAN, Gareth. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Aldershot: Gower, 1979.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14ª ed. Autores Associados, 2001.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. **Metodologia qualitativa: fundamentos e práticas**. McGraw-Hill, 1991.

EVARISTO, Jefferson. **Línguas e multilinguismos em tempos de pandemia: acesso, justiça social**, tradução. In: Fórum Linguístico, v. 18, n. 4, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editora, 2016.

- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GUBA, E.; LINCOLN, Y. **Effective evaluation**. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1988.
- HADDAD, Sérgio. **A Educação nas Favelas: Perspectivas e Desafios**. São Paulo: Cortez, 2002.
- HADDAD, Sérgio. **Educação e exclusão social**. São Paulo: Cortez, 2002.
- HALL, Stuart. **Cultural Identity and Diaspora**. In: **Identity: Community, Culture, Difference**. Edited by Jonathan Rutherford. London: Lawrence & Wishart, 1990.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage Publications, 1996.
- HART, Chris. **Doing a Literature Review: Releasing the Social Science Research Imagination**. London: Sage Publications, 1998.
- HATCH, Mary Jo; YANOW, Dvora. **Doing qualitative research in educational settings**. Albany: State University of New York Press, 2003.
- JODELET, Denise. **Representações Sociais: Um Domínio em Expansão**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, Maria Angélica; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARKONI, Maria Angélica; LAKATOS, Eva Maria; SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- MARTINS, Carlos Benedito. *Identidade e Educação: Reflexões Sobre a Realidade Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **História da Linguística**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

MENDES, Karla Dornelles de S.; SILVEIRA, Rosângela Carreteiro C.; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. *Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008.

MESSINA, Graciela. **Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. Organización de Estados IberoAmericanos para La Educación, La Ciência y La Cultura**. In: REÚNION DE CONSULTA TÉCNICA SOBRE INVESTIGACIÓN EN FORMACIÓN DEL PROFESSORADO. México, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ORLIKOWSKI, Wanda J.; BAROUDI, Jack J. **Studying information technology in organizations: research approaches and assumptions**. *Information Systems Research*, v. 2, n. 1, p. 1-28, 1991.

PALANCH, William Bueno Lopes; FREITAS, Ariane Vieira. **Estado da Arte como metodologia de trabalho científico na área de Educação Matemática: possibilidades e limitações**. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 8, p. 784-802, 2015.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano. **The content validity index: are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations**. *Research in Nursing & Health*, New York, v. 29, n. 5, p. 489-497, 2006.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?** In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 21-45.

RANGEL, Mary; RODRIGUES, Jéssica do Nascimento; MOCARZEL, Marcelo. **Fundamentos e princípios das opções metodológicas: Metodologias quantitativas e procedimentos quali-quantitativos de pesquisa**. *Omnia*, v. 8, n. 2, p. 5-11, 2018.

ROMANOWSKI, Joana P. **História da educação brasileira: 1808-2006**. Curitiba: IBPEX, 2006.

ROSA, Elisabete; DAMKE, Cleci Regina; BORSTEL, Claudia Neubüser Van. **Língua/cultura como fator de pertencimento identitário.** *Linguasagem*, São Paulo, v. 1, p. 1-12, 2012.

SAFRA, Gilberto. **Dimensões Éticas do Adoecer.** São Paulo: Escuta, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Tradução de Antônio Chelini e José Paulo Paes. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais.** *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCHWANDT, T. A. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social.** In: DENZIN, N. K. SILVA, Elizabeth; MENEZES, Eduardo. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3ª ed. UAB/NTE/UFRGS, 2001.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca Pereira. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento.**

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. **Paradigma interpretativista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990.** *RAE-Revista de Administração de Empresas* v. 45, n. 4, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** Atlas, 200.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICE A – Pesquisa sobre identidade linguística

1.

GENOVA, LUCIANA DE. **A Manutenção do romanesco no cinema italiano contemporâneo: uma abordagem identitária'** 12/03/2020 215 f. Doutorado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras

[Detalhes](#)

2.

MESQUITA, ANA FLAVIA NEJAIM. **A REDAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: REDESCOBRINDO CAMINHOS SÃO PAULO 2018'** 16/12/2018 119 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

[Detalhes](#)

3.

THOMAZ, DANIEL DE. **NELSON RODRIGUES ADAPTADOR E ADAPTADO A vida como “deveria ser”, do conto à tela São Paulo 2015'** 30/07/2015 141 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander

[Detalhes](#)

4.

CIRIACO, MARIA INES FRANCISCA. **MOÇAMBIQUE MULTICULTURAL E MULTILINGUÍSTICO UM ESTUDO DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA'** 13/08/2015 120 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander

[Detalhes](#)

5.

FIAMOZZINI, LEILA MARIA MANSINI. **A PERCEPÇÃO DE LUSOFONIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE REALIDADES SOCIAIS DIFERENTES'** 04/08/2015 104 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander

[Detalhes](#)

6.

JUNIOR, JAIR DE ALMEIDA. **“AQUELE ABRAÇO”: O DISCURSO IDENTITÁRIO CULTURAL BRASILEIRO QUE SE ABRE PARA O MUNDO'** 15/09/2015 353 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander [Detalhes](#)

7.

SOUZA, SARA RODRIGUES. **IDENTIDADE LINGUÍSTICA EM GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO DE MÍDIAS EXTERNAS'** 06/02/2023 134 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Adelpha [Detalhes](#)

8.

JESUS, CAROLINA CAMARGO DE. **OS POTIGUARA DA PARAÍBA E O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE LINGUÍSTICA'** 04/12/2019 52 f. Mestrado Profissional em LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Centro de Documentação de Línguas Indígenas, Museu Nacional, UFRJ - CELIN - MN/UFRJ [Detalhes](#)

9.

CHAVES, DANIELE APARECIDA BUENO DE LIMA DE. **Gênero oral causo: marcas de identidade linguística do sudoeste paranaense'** 27/06/2019 111 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Pato Branco Biblioteca Depositária: Biblioteca UTFPR [Detalhes](#)

10.

NETO, RAIMUNDO JOSE FERREIRA. **O FALAR SERTANEJO NA VOZ DE PATATIVA DO ASSARÉ: A REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E SOCIAL'** 30/11/2022 188 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central de Humanidades [Detalhes](#)

11.

SANTOS, IVONETE DA SILVA. **A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL.**

22/02/2018 161 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: BC - UFG

[Detalhes](#)

12.

CORREA, CARINA SANTOS. **A LITERATURA POP ALEMÃ DA DÉCADA DE 1990 COMO MANIFESTAÇÃO DE IDENTIDADE LINGUÍSTICO-GERACIONAL**

25/02/2019 231 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG)

[Detalhes](#)

13.

PRADO, NATALIA CRISTINE. **A influência da língua inglesa na formação de nomes comerciais: questões de identidade linguística e cultural**

27/05/2014 343 f. Doutorado em LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Faculdade de Ciências e Letras- Câmpus de Araraquara

[Detalhes](#)

14.

ALVES, MARIA JOSE. **A FORMAÇÃO DE NOMES COMERCIAIS NAS CIDADES DE PALMAS (TOCANTINS) E DE CATALÃO (GOIÁS): QUESTÕES DE IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL**

12/12/2017 134 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: undefined

[Detalhes](#)

15.

MENEZES, KEILA VASCONCELOS. **MONITORAMENTO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO DE PALAVRÕES EM DUAS VERSÕES DE UMA OBRA LITERÁRIA ITABAIANENSE**

26/10/2022 149 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: Biblioteca Central-BICEN/UFS

[Detalhes](#)

16.

SILVA, LEANDRO VIANA. **A MUDANÇA LEXICAL NA LIBRAS: UM ESTUDO COMPARATIVO DE SINAIS REGISTRADOS EM 1994, 2006 E 2018'** 15/04/2019 155 f.

Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: undefined

[Detalhes](#)

17.

SILVA, ITANIA FLAVIA DA. **LINGUAGEM E PODER: Práticas discursivas e a constituição de identidades linguísticas no contexto escolar'** 29/11/2016 107 f. Mestrado

Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

[Detalhes](#)

18.

SACHETE, ANDREIA DOS SANTOS. **CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE LINGÜÍSTICA DE INDIVÍDUOS DA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E ARGENTINA (URUGUAIANA – PASO DE LOS LIBRES)'** 22/12/2014 102 f. Mestrado em LETRAS

Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Dr. Romeu Ritter dos Reis

[Detalhes](#)

19.

MORAES, HENRIQUE SILVA. **A filosofia em letras latinas: identidade e consciência linguísticas nos Acadêmicos de Cícero'** 21/08/2017 138 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFJF

[Detalhes](#)

20.

FREITAS, FERNANDO ADAO DE SA. **O pensamento gramatical de Santo Agostinho.'**

03/04/2016 158 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: CSIBI/UFJF

[Detalhes](#)

21.

ROCHA, EDUARDO LACERDA FARIA. **A Ars grammatica de Diomedes: Reflexos do bilinguismo greco-latino'** 12/10/2015 130 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de

Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca

Depositária:

CSIBI

[Detalhes](#)

22.

KIALANDA, KIALUNDA SOZINHO. **O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NACIONAL ANGOLANA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO DO USO DAS FORMAS PRONOMINAIS NÓS E A GENTE'** 27/03/2023 92 f. Mestrado em Estudos Linguísticos Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Julieta Carteadó (UEFS)

[Detalhes](#)

23.

PONSO, LETICIA CAO. **AS LÍNGUAS NÃO OCUPAM ESPAÇO DENTRO DE NÓS”:** **PRÁTICAS, ATITUDES E IDENTIDADES LINGUÍSTICAS ENTRE JOVENS MOÇAMBICANOS PLURILÍNGUES'** 24/03/2014 undefined f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: undefined

[Detalhes](#)

24.

SUHETT, LUANA MONCORES DE LIMA. **Identidade linguístico-cultural no Magrebe pós-colonial: a língua francesa como instrumento de expressão de culturas em contato.'** 09/03/2020 138 f. Doutorado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras

[Detalhes](#)

25.

ROSA, HELDA NUBIA. **SÍNTESE E ANÁLISE DOS QUATRO CONCEITOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA DE LEONARD BLOOMFIELD (1887-1949): LÍNGUA, FONEMA, FALANTE E COMUNIDADE DE FALA'** 17/12/2020 194 f. Doutorado em LETRAS E LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFG

[Detalhes](#)

26.

TAVARES, ELYZANIA TORRES. **O IMIGRANTE HAITIANO: A IDENTIDADE LINGUÍSTICA E O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO NA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – CAMPUS JOSÉ RIBEIRO FILHO'**

30/09/2021 119 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho Biblioteca Depositária: Fundação Universidade Federal de Rondônia

[Detalhes](#)

27.

MUJICA, MARINA MARCHI. **Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes na comunidade de Santa Augusta- São Lourenço do Sul-RS- Brasil'** 26/05/2013

90 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Campus Porto

[Detalhes](#)

28.

SOUZA, JOSY MARIA ALVES DE. **NOMES SOCIAIS DE PESSOAS TRANSGÊNEROS E NOMES ARTÍSTICOS DE DRAG QUEENS DO ESTADO DE RONDÔNIA: QUESTÕES DE IDENTIDADE LINGUÍSTICA E DE GÊNERO'** 23/06/2019 204 f.

Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho Biblioteca Depositária: <http://www.bibliotecacentral.unir.br/>

[Detalhes](#)

29.

DAWES, TATHIANNA PRADO. **Validação de sinais em contexto institucional específico: sinais-termo para biologia'** 20/09/2021 196 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá - BCG

[Detalhes](#)

30.

BARROS, MARINA ALVARENGA DO REGO. **Construção e manutenção de etnicidade na baixada cuiabana: confluências sociolinguísticas'** 21/04/2021 106 f. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói

Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá - BCG

[Detalhes](#)

31.

NASCIMENTO, INGRID CRUZ DO. **NOSSA LÍNGUA É O NOSSO SANGUE: PERCEPÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICAS DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO CONTEXTO ESCOLAR PESSOENSE'** 17/02/2020 149 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (

JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: BC-UFPB

[Detalhes](#)

32.

RODRIGUES, LETICIA MAZZELLI LOURENCO. **AÇÕES GLOTOPOLÍTICAS EM SANTA MARIA DE JETIBÁ – ES: EM EVIDÊNCIA A LÍNGUA POMERANA'** 30/01/2018 145 f. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

[Detalhes](#)

33.

ALENCAR, TISCIANNE CAVALCANTE DE. **A Herança da Fala: Identidade Étnica e Memória Documental da Língua Xetá (Tupí-Guaraní)**' 29/08/2013 139 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB - BCE

[Detalhes](#)

34.

NETO, MARCIONILO EURO CARLOS. **KORONIAGO: MANIFESTAÇÃO ETNO-LINGÜÍSTICO CULTURAL DE UMA COINÉ “NIPOBRASILEIRA”** 19/02/2020 257 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá (BCG)

[Detalhes](#)

35.

COSTA, TAIRES DE JESUS. **(AUTO)(ALTER)PERCEPÇÕES SOBRE SI COMO SUJEITO DE LINGUAGEM E(M) SEUS REFLEXOS NA E PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE UM GRUPO DE LICENCIANDAS EM LETRAS DO INTERIOR BAIANO'** 13/10/2021 196 f. Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

[Detalhes](#)

36.

JUNIOR, WINSTON CARLOS MARTINS. **A tradução jurídica alemão-português brasileiro no Direito da União Europeia: o uso de verbos modais em um estudo de Contato Linguístico'** 20/02/2019 127 f. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA

CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG)

[Detalhes](#)

37.

CONCEICAO, ROBSON CARAPETO. **Plurilinguismo e prática transcultural em escolas alemãs no exterior: políticas curriculares, representações e potencialidades'** 24/02/2019 374 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG)

[Detalhes](#)

38.

MAGALHAES, CAROLINA DA SILVA VIEIRA. **O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA: O PLURILINGUISMO NO CONTEXTO ESCOLAR DE QUATRO ESTUDOS EUROPEUS'** 13/03/2019 107 f. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG)

[Detalhes](#)

39.

CIDADE, CIDNEYA DE SOUZA. **A identidade linguística do sujeito migrante brasileiro no espaço fronteiriço Pacaraima(Brasil)-Santa Elena(Venezuela) e o ensino-aprendizagem de espanhol língua estrangeira (E/LE)'** 03/03/2013 105 f. Mestrado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

[Detalhes](#)

40.

SOUZA, CARLA CRISTINA DE. **ONDE QUE A GENTE SE ENCAIXA AQUI?: (re)construções de identidades de uma professora em formação no estágio de inglês para fins específicos sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional'** 13/12/2018 222 f. Doutorado em Estudos da linguagem Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA PUC-Rio

APÊNDICE B – Pesquisa “identidade favelada”

**TEIXEIRA, Paula Fernandes. “Eu posso morar no morro, / mas eu não devo a ninguém”:
a construção identitária e a significação da realidade em narrativas de adolescentes
atendidos por programa social federal. *Pontifícia Universidade Católica*, Rio de Janeiro,
2021.**